



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**MARIANA CAVALCANTI PEREIRA**

**“O bom é a arriação!”: circuitos de lazer e outras interações entre jovens  
de Campina Grande**

**CAMPINA GRANDE - PB**  
**FEVEREIRO – 2016**

**MARIANA CAVALCANTI PEREIRA**

**“O bom é a arriação!”: circuitos de lazer e outras interações entre jovens de Campina Grande**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais sob orientação do Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva.

CAMPINA GRANDE – PB

FEVEREIRO – 2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

P436b      Pereira, Mariana Cavalcanti.  
              "O bom é a arriação!": circuitos de lazer e outras interações entre  
              jovens de Campina Grande / Mariana Cavalcanti Pereira. – Campina  
              Grande, 2016.  
              87f. : il. color.

              Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de  
              Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.  
              "Orientação: Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva".  
              Referências.

              1. Ciências Sociais - Antropologia. 2. Jovens - Práticas de Lazer. 3.  
              Periferia - Campina Grande(PB). 4. Pedregal - Sociabilidades - Jovens. I.  
              Silva, Vanderlan Francisco da. II. Universidade Federal de Campina  
              Grande, Campina Grande (PB). III. Título.

CDU 3:572(043)

**MARIANA CAVALCANTI PEREIRA**

**“O bom é a arriação!”: circuitos de lazer e outras interações entre jovens de Campina Grande**

Dissertação apresentada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_/

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva (PPGCS/UFCG – Orientador)

---

Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior (PPGCS/UFCG – Examinador Interno)

---

Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella (PPGA/UFPB – Examinador Externo)

---

Prof. Dr. Jose Maria de Jesus Izquierdo Villota (PPGCS/UFCG-Suplente Interno)

---

Prof. Dra. Hilderline Câmara de Oliveira (PPGA/UNP – Suplente Externa)

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2016**

## **AGRADECIMENTOS**

Eu me perderia aqui em meio a todos os agradecimentos que gostaria de fazer. Tentarei sintetizar o máximo possível as palavras, mas certa de que isso não minimiza o sentimento.

Grande parte do que sou devo a uma mulher que abdicou de grandes coisas na vida motivada pelo amor e desejo de me ver crescer: minha mãe. Mãe para além do sentido biológico, mas especialmente no aspecto mais sublime e terno que existe. Minha amiga, minha irmã, minha grande companheira: uma vida inteira não seria suficiente para expressar toda gratidão, amor e admiração pelo ser humano que você é.

Nesses dois anos de convívio e orientação, pude conhecer um dos maiores profissionais e pessoas que já passaram na minha caminhada. A você, professor Vanderlan, todo o meu respeito e gratidão pela paciência e pelo trabalho prestado com tanta dedicação e carinho. Você, sem dúvidas, é um dos grandes exemplos que possuo na vida.

Tenho os melhores amigos do mundo e todos eles não caberiam aqui. Dedico, especialmente, a alguns, pelo papel crucial que tiveram nesse momento: Jai, Regina e Bobby – que sempre acreditaram em mim e me motivaram nas ocasiões onde eu não tinha fé em mim mesma. Agradeço também, em especial, à Mércia - a melhor amiga, companheira e colega de apartamento que o Mestrado poderia me proporcionar - obrigada por dividir as risadas, preocupações, lágrimas, dúvidas acadêmicas e por me aturar também nos piores dias.

A todos os amigos do Mestrado e do Grupo SOCIATOS por compartilharem as experiências e me auxiliarem nos estudos. Em especial, meus agradecimentos a Alessandra, Tiago, Demetrio, Lulinha, Deyse e Magnólia.

Aos professores Ronaldo Sales e Marco Aurélio pelos ensinamentos na consecução desta pesquisa. Também aos demais professores do PPGCS que tiveram papel fundamental na minha formação.

Aos meus interlocutores, sem os quais eu não desenvolveria este trabalho. Obrigada pelo acolhimento, pela paciência e disposição.

Às minhas filhas de quatro patas, Lola e Morcega, por encherem minha vida de ternura felina todos os dias.

## RESUMO

Esta pesquisa pretende levantar um debate acerca de experiências e práticas juvenis em uma periferia da cidade de Campina Grande, Paraíba, trazendo reflexões sobre a juventude enquanto categoria a ser compreendida etnograficamente. O principal objetivo é compreender as experiências dos jovens moradores do bairro, principalmente no que concerne às práticas de lazer. Nesse sentido, foi adotada uma perspectiva que privilegia a análise da juventude através da reflexão de categorias como circuito, pedaço e trajeto (MAGNANI, 2007) a partir da etnografia dos espaços que são ocupados e (res)significados pelos jovens. Para tanto, foi analisada as interações entre os jovens, e também o tema da periferia e os seus espaços, em suas redes de interdependência com outros grupos e outros lugares da cidade, o que nos remete aos ensinamentos de DaMatta (2003), ao considerar que muitos espaços e temporalidades convivem simultaneamente, sendo tempo (realidade) e espaço frutos de uma construção social. Assim, a cidade, enquanto rede que interpela os atores em suas múltiplas dimensões, chama-nos a compreender as transformações empregadas nos espaços previamente concebidos. Nessa pesquisa, é pontuada a relação dos jovens e o estabelecimento de sociabilidades nos espaços do Pedregal. Além disso, são destacadas algumas questões como exclusão social e classificação de periferia como elementos importantes para situar o presente trabalho.

Palavras-chave: Pedregal, juventudes, periferia, sociabilidades, lazer

## **ABSTRACT**

This research aims to raise a debate about youth experiences and practices in a periphery of the city of Campina Grande, Paraíba, bringing reflections about youth as a category to be understood by an ethnographic perspective. The main objective is to understand the experiences of the young residents of the neighborhood, especially when it comes to leisure activities. In this sense, a perspective was adopted which focuses on the analysis of youth through reflection categories such as circuit piece and path (MAGNANI, 2007) from the ethnography of the spaces that are occupied and (re) meanings by the young people. For this, it analyzed the interactions among young people, and also the theme of the periphery and their spaces, their interdependence networks with other groups and other places in the city, which brings us to the teachings of Da Matta (2003), who consider that many spaces and temporalities coexist simultaneously, and time (reality) and space fruits of a social construction. Thus, the city as a network that challenges the actors in their multiple dimensions, calls us to understand the transformations used in previously designed spaces. In this research, it is punctuated the relationship of young people and the establishment of sociability in Pedregal spaces. Moreover, they highlighted some issues such as social exclusion and the outskirts of conceptualization as important elements to situate this work.

Keywords: youths, periphery, sociability, leisure

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 – Pintura “O Pedregal”, de Irene Silva de Medeiros.....</b>	<b>17</b>
---	-----------

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Foto 1 - Pessoas jogam e conversam em fim de tarde.....</b>	<b>15</b>
<b>Foto 2 - Pessoas conversando.....</b>	<b>15</b>
<b>Foto 3 - Vista do Pedregal.....</b>	<b>18</b>
<b>Foto 4 - Prédio da Sociedade de Amigos do Bairro.....</b>	<b>20</b>
<b>Foto 5 - Unidade de Polícia Solidária do Pedregal.....</b>	<b>21</b>
<b>Foto 6 - Rua São Francisco.....</b>	<b>36</b>
<b>Foto 7 - Rua Santa Luzia.....</b>	<b>36</b>
<b>Foto 8 - Jovens passeando em motocicleta.....</b>	<b>37</b>
<b>Foto 9 - Vista parcial do Canal do Pedregal.....</b>	<b>45</b>
<b>Foto 10 - Linha do Trem no Pedregal.....</b>	<b>47</b>
<b>Foto 11 - Jovens sentados na Linha do Trem.....</b>	<b>47</b>
<b>Foto 12 - Cena cotidiana do Pedregal.....</b>	<b>49</b>
<b>Foto 13 - Quintal de uma casa no Pedregal.....</b>	<b>49</b>
<b>Foto 14 - Jovens jogando futebol da rua.....</b>	<b>59</b>
<b>Foto 15 - Jovens soltando pipa na linha do trem.....</b>	<b>59</b>
<b>Foto 16 - Jovens jogando futebol no campinho ao lado da linha do trem.....</b>	<b>60</b>
<b>Foto 17 – Show de Rap e Funk na Rua São Vicente.....</b>	<b>73</b>
<b>Foto 18 - Jovens conversando nas calçadas.....</b>	<b>79</b>
<b>Foto 19 - Jovens conversando na calçada.....</b>	<b>79</b>



## SUMÁRIO

Introdução.....	10
1 Tecendo a pesquisa.....	13
1.1 Uma (quase) estranha no ninho: primeiras impressões do campo....	14
1.2 Etnografia para além de um método ou técnica.....	23
1.3 Nas batidas da travessia.....	27
2 Reconhecendo o cenário.....	34
2.1 Discutindo a ideia de periferia.....	38
2.2 Da Alemanha de Simmel aos circuitos no Pedregal.....	50
2.2.1 Entendendo as categorias – do trajeto ao circuito.....	53
2.2.2 Alguns circuitos no Pedregal.....	57
3 “O bom é a arriação!” – sociabilidades de jovens no Pedregal.....	63
3.1 Pensando as juventudes.....	65
3.2 A resenha da paquera.....	72
3.3 Pesquisadora também cai na arriação.....	76
Considerações Finais.....	81
Referências.....	84

## INTRODUÇÃO

(...) o apaixonado pela vida universal entra na multidão como se isso lhe aparecesse como um reservatório de eletricidade. Pode-se igualmente compará-lo a um espelho tão imenso quanto essa multidão; a um caleidoscópio dotado de consciência, que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e o encanto cambiante de todos os elementos da vida. É um eu insaciável do não-eu, que a cada instante o revela e o exprime em imagens mais vivas do que a própria vida, sempre instável e fugidia. (Baudelaire, C. Sobre a modernidade, 1996. P. 18-19)

É comum encontrarmos reflexões que abordem a periferia em aspectos como o do trabalho, da violência, dos movimentos reivindicatórios e das precariedades estruturais e, não obstante, também não é raro depararmos com considerações que atomizam suas características enquanto desdobramentos de escapismo e alienação (Magnani, 1998). O lazer, assim, para alguns olhares, encontra-se inserido em um rol de elementos irrelevantes ou ausentes quando se trata de analisar as periferias em seu cotidiano.

É preciso, entretanto, aguçar a percepção e ver além daquilo que nos é proposto de imediato. A multidão, de longe, parece constituir uma homogeneidade, mas, ao fazer parte dela, é possível encontrar redes, entrelaçamentos, afetos e maneiras distintas que compõem a sua aparência de totalidade. É preciso, ainda, interpretar a multidão que é vista a partir daquele que a referencia – cada movimento desse caleidoscópio, que posso destacar aqui como a Antropologia, abre caminhos para uma multiplicidade de elementos. O cotidiano é a realidade desses elementos e, nele, é onde podemos vislumbrar as nuances e diferenças que constituem as relações sociais.

Esta pesquisa procura privilegiar uma abordagem do cotidiano de jovens em um bairro da cidade de Campina Grande, na Paraíba: o Pedregal. A etnografia foi escolhida para o seu desenvolvimento, por compreender uma dimensão de realidade da vida cotidiana (Berger e Luckmann, 2004) dos sujeitos da pesquisa. Acredito, nesse sentido, que a perspectiva etnográfica possibilita o afastamento de possíveis essencializações no entendimento de um *ethos*

juvenil, descortinando e explicando lugares-comuns no que diz respeito ao jovens, às periferias e às sociabilidades visualizadas nesse contexto.

O objetivo aqui buscado encontra-se em tentar demonstrar as tessituras do espaço abordado pelos seus atores sociais, destacando elementos que me auxiliaram na composição dessa etnografia, tais como circuito, juventude, espaço urbano e sociabilidade. Procuo, para tanto, destacar momentos e espaços que os sujeitos da pesquisa me apontaram no decorrer das minhas incursões.

A escolha por este tema passa por uma preocupação em enxergar uma determinada dimensão da vida da população do Pedregal constantemente negligenciada não só pela mídia de um modo geral, mas também pelos estudos acadêmicos, até este momento. Além do mais, uma reflexão sobre a juventude também é ressaltada aqui no sentido de gerar um debate sobre essa palavra ou categoria, de modo que busco demonstrar a pertinência de uma compreensão a partir de um prisma etnográfico.

Nesse sentido, observo os pensamentos de autores como Pais (1990) e Magnani (2007) que nos convidam a fazer, no sentido de desenvolver pesquisas de cunho empírico, atentando para a análise da juventude enquanto categoria a ser compreendida etnograficamente. Para analisar como os jovens se articulam entre si, enfatizando não necessariamente a categoria que busca um denominador comum da condição de “jovem”, mas como aqueles se inserem e se comportam na paisagem urbana, Magnani (2007) sugere uma abordagem na qual a etnografia pode nos auxiliar a apreender justamente o plano das experiências, percepções e sociabilidades dentro de um circuito – categoria esta que engloba outras como trajeto, pedaço, mancha e pórtico - isto é, os espaços por onde os jovens circulam e estabelecem sociabilidades.

Elegendo, portanto, como ponto de partida, o entendimento criticado por Pais (1990) de uma juventude homogênea, balizada precisamente em uma ou outra doxa dominante que leve em conta tão somente a faixa etária ou procure apenas um denominador comum entre os diversos comportamentos escorados em estilos de vida ou classes sociais, é que busco desenvolver a presente pesquisa.

Este trabalho desenvolve-se a partir de um estudo dos espaços por onde os indivíduos circulam e estabelecem redes de sociabilidades, usando a

categoria de circuitos proposto por Magnani (2007) e procurando identificar como e em que medida esses sujeitos interagem dentro de grupos, e estes com outros grupos, produzindo, (res)significando os espaços urbanos e construindo a si mesmos, através dessas interações. A denominação “circuito de jovens” é proposta por Magnani (2007) a fim de privilegiar a inserção desses indivíduos na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde eles circulam, como já foi destacado, além de permitir uma abordagem de recortes não restritos, possibilitando a construção de totalidades analíticas mais consistentes e coerentes com os objetos em análise.

Para a consecução deste trabalho, a opção pela etnografia possibilitou um aprofundamento no entendimento do cotidiano dos jovens no Pedregal. Para tanto, realizei incursões em campo em dias e horários diferentes durante a semana, além de entrevistas a fim de compreender as percepções dos jovens sobre o bairro, sobre o lazer e as sociabilidades por eles vivenciadas.

No primeiro capítulo, procuro levantar algumas considerações sobre as primeiras incursões em campo, sobre afetos, dúvidas na consecução do trabalho, além de fazer uma descrição geral do bairro do Pedregal, onde busco mostrar suas nuances estruturais e a dinâmica social dos sujeitos da pesquisa.

No segundo capítulo, é feita uma reflexão sobre os espaços ocupados, significados e percorridos pelos sujeitos da pesquisa, destacando categorias como a de circuito, pedaço e trajeto. Aqui, adentro com mais especificidade em alguns pontos que fazem parte de uma rede mais ampla de lazer dos jovens que vivenciam o bairro, como determinadas ruas e calçadas do Pedregal, onde se desenvolve grande parte da sociabilidade dos jovens.

No terceiro e último capítulo, busco desenvolver um debate sobre juventudes, demonstrando diferentes perspectivas pelas quais a categoria é abordada e defendendo a importância de compreendê-la através da etnografia. Também procuro analisar eventos de sociabilidade vivenciados pelos interlocutores da pesquisa, como situações de paquera, conversas de calçada, passeios de moto, shows, entre outros.

## 1 TECENDO A PESQUISA

Alguns domingos eu costumo ir ao cinema que fica localizado no Shopping Partage, em Campina Grande. Geralmente assisto às sessões no turno da tarde e vou embora para minha casa no comecinho da noite. Nas voltas, sempre pego ônibus e, por diversas vezes, nesses momentos, divido o espaço do transporte público com grupos de jovens animados, que cantam, “tiram onda” entre si (e às vezes com quem está de fora do ônibus ou adentra nele), gritam e falam com o motorista, alcunhados por eles de “motô” – “Vamo simhora, motô! Quero chegar em casa! Tem calma, motô! Tá levando burro de carga, é?”. Os grupos quase sempre ficam no “fundão” do ônibus, batem nas suas laterais fazendo ritmo para as músicas que entoam. Os olhares no ônibus são tensos e muitos cochicham demonstrando incômodo com essas manifestações. Eu ria timidamente, divertindo-me também com aquela manifestação.

Eu descia no Terminal de Integração na maioria das vezes e podia perceber alguns daqueles grupos pegando os ônibus da linha 555 ou 505, quando já não vínhamos nele desde o Shopping. Algumas vezes permaneci também nestes ônibus, pois ia para casa de alguns amigos em Bodocongó depois do cinema. Pude ver muitos desses jovens descendo no bairro do Pedregal, na Rua São Vicente ou na rua da Assembleia de Deus. O Pedregal estava movimentado, com muitas pessoas nas calçadas. Crianças, jovens, adultos e idosos brincavam, jogavam e conversavam. Alguns barzinhos e lanchonetes cheios de gente animavam o começo da noite no bairro.

Morei no bairro do Catolé quando cheguei em Campina Grande, em uma rua cheia de prédios, cercas elétricas e muros altos. Em pouco tempo saí de lá por não me acostumar à dinâmica do espaço onde eu me encontrava. Resolvi morar no centro em virtude da facilidade de locomoção e de serviços para uma estudante que conhecia muito pouco da cidade e morava sozinha. Assim, eu, que me criei em uma pequena cidade do sertão paraibano e já um tanto marcada pelo relativo isolamento que alguns outros bairros da cidade impõem ao morador, olhava com interesse aquela dinâmica do bairro do Pedregal.

Meu interesse pela temática da Juventude vem desde o curso de Direito na Universidade Estadual da Paraíba, visto que se trata de um assunto ainda imbuído de tensões e polêmicas para a área. Na ocasião, sentia falta de uma discussão mais interdisciplinar e notava, também, um relativo descaso da própria Academia com o tema. A reflexão, nos anos que estive no curso, era um tanto empobrecida pela falta de diálogo com outras áreas, mantendo, quase sempre, apenas um laço de discussão com a Medicina e a Psicologia. Nos anos finais do curso, o tema do Direito à Cidade tomava um grande espaço na área e eu podia perceber, por exemplo, questões como Lazer sendo discutidas com considerável relevância no sentido de clarificar o funcionamento da cidade, dos seus atores e regras e, assim, enriquecer o desenvolvimento de políticas públicas e Leis que visam a melhoria da cidade e do acesso ao lazer. Nesse aspecto, eu vi a importância das Ciências Sociais no desenvolvimento desse debate. Entre outras razões que me acompanham desde o início do curso, senti a necessidade de migrar para essa área. Não me bastava pensar o que a sociedade devia ser, eu precisava de mais: eu precisava começar a compreender o que a sociedade é, como se dá o seu funcionamento. Foi então que decidi tentar o Mestrado em Ciências Sociais na UFCG.

Ao entrar no Mestrado, fui aperfeiçoando meu projeto com o auxílio das disciplinas, do grupo de estudos e do meu orientador. Resolvi pesquisar, então, circuitos de jovens nos espaços urbanos. Lembrei-me, assim, do bairro do Pedregal. Agora, eu estava ainda mais próxima deste, já que estudo na UFCG, e passo de ônibus quase todos os dias por lá, vendo aquelas nuances já destacadas e agora, outras mais. Era a hora de interagir com o espaço e com seus atores. O desafio, então, começava: como vou entrar no bairro?

### **1.1 Uma (quase) estranha no ninho: primeiras impressões do campo**

São três os diferentes pontos de ônibus nos quais eu mais costumava descer no Pedregal. Um, em frente à Assembleia, outro na Rua São Vicente, próximo ao Mercadinho e outro na Rua Santa Luzia. O 055, que passa por esta última, atravessa uma considerável parte do bairro, o que permite visualizar um

pouco da suas geografia e dinâmica social. Principalmente no fim da tarde e começo da noite, há crianças brincando nas ruas, mães com bebês passeando, jovens e idosos conversando e jogando dominó ou baralho nas calçadas. Carroças com burros dividem as mesmas ruas com carros e motos, algumas pessoas chegam do trabalho, outras estão a caminho. Jovens voltam das aulas conversando e soltando gargalhadas e piadas com conhecidos que encontram no trajeto. Combinam de se encontrar mais tarde “Ei, mulher, tu vai lá pra calçada mais tarde né? Tu vai, visse?”.



**Foto 20** - Pessoas jogam e conversam em fim de tarde. Foto: Mariana Cavalcanti, 2016

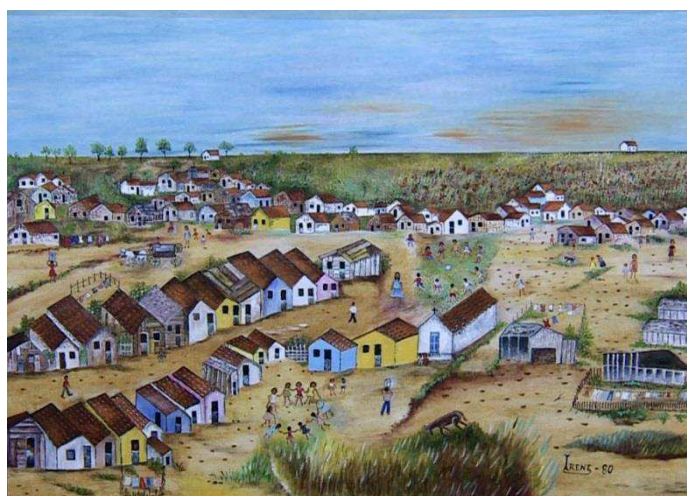


**Foto 21** - Pessoas conversando. Foto: Mariana Cavalcanti, 2016.

As casas, em sua maioria, são simples e muitas delas possuem um segundo andar que, pela aparência, deve ter sido construído há não muito tempo. Algumas pessoas adentram no espaço que dá para o Canal: um esgoto a céu aberto onde existem muitas casas em suas encostas e onde pequenas pontes são improvisadas com portas de madeira antigas e pedaços de pau. Em meio ao lixo e destroços amontoados em determinados espaços, paredes coloridas pelos grafites dão um ar lúdico ao cinza e marrom predominantes ali. A falta de habilidade que tenho para descer e subir as ladeiras cheias de pedra é contrastada com a rapidez que os moradores dali possuem ao atravessá-las.

As pessoas que estavam sentadas na frente de suas casas, ao passo que ficavam curiosas com minha presença ali, cumprimentavam-me quase sempre. Um senhor simpático ouvia um *walkman* e sorriu quando percebeu que eu o olhava. O agradável ar de fim de tarde era propício aos passeios e brincadeiras pelas ruas, o céu tingia-se de tons pasteis e fluorescentes e servia de pano de fundo para as pipas que adultos, jovens e crianças empinavam na linha do trem. A poesia de tensões e contrastes é tecida pelas paisagens e atores do Pedregal.

Várias dessas cenas foram retratadas na obra “O Pedregal”, já na década de 1980, quando surge o bairro, pela pintora paraibana Irene Silva de Medeiros. Com o estilo de arte *naif*, ela privilegiou em suas obras, brincadeiras infanto-juvenis, feiras, parque de diversões, etc. Em suma, cenas do cotidiano popular da região.



**Figura 1** - O Pedregal, de Irene Silva de Medeiros. Fonte: Museu de Artes Assis Chateaubriand.



Nesta pintura, podemos ver o começo da constituição do Pedregal retratado pela pintora natural de Alagoa Grande-PB. Crianças brincam de ciranda e jogam futebol, pessoas passeiam nas ruas e trabalhadores passam com carroça de burro e objetos na cabeça. As pequenas casas possuem modelos parecidos e é possível ver diferenças em suas estruturas: algumas parecem ser de taipa, outras de tijolo. Roupas são penduradas nos quintais cercados, animais pastam, o chão não asfaltado e o mato dão um tom quase rural à cena. Segundo Souza, “o vasto terreno que fica entre os bairros do Pedregal, Bela Vista e Centenário, era uma área utilizada pela população citadina para o cultivo agrícola” (2013, p. 96) até os anos de 1970, o que esclarece a cena retratada pela pintora Irene de Medeiros.

O Pedregal possui esse nome, segundo as pessoas que entrevistei e que moram desde o início no bairro, em virtude da grande quantidade de pedras presentes no relevo desse espaço na época de sua constituição enquanto espaço de moradia. Esse bairro, juntamente com o da Cachoeira e Jeremias eram, até os anos de 1979 as três periferias de mais expressão na cidade de Campina Grande (*idem, ib, p.98*). Hoje, o Pedregal é considerada a maior “favela”, nos termos do IBGE, em população, do estado da Paraíba.

Ao decidir fazer minha pesquisa no Pedregal, obtive incentivo de várias pessoas. No entanto, inúmeras outras, dentro da própria Academia, inclusive (e alguns colegas da época do curso de Direito) se espantavam com a minha decisão em virtude do bairro ser uma Periferia e fortemente marcada por conflitos ligados ao tráfico de drogas. Ouvi adjetivos como “louca” e “corajosa” e relatos de acontecimentos trágicos no bairro. Eu sabia disso tudo, ora. Impossível não conhecer esse retrato atribuído ao Pedregal divulgado pelo imaginário da cidade e, sobretudo, pela mídia local. Não posso desconsiderar essa faceta do bairro na consecução da minha pesquisa, evidentemente, até porque existem muitos elementos dessa questão que perpassam a discussão que construo aqui. Entretanto, como qualquer outro bairro da cidade, o Pedregal não é somente isso. Não eram essas dificuldades apriorísticas que iam me impedir de desenvolver essa pesquisa. Se elas de fato existissem, assim como outros obstáculos, era principalmente a experiência direta com o campo que ia me mostrar isso.



**Foto 22** - Vista do Pedregal. Parte Do Bairro do Pedregal vista a partir da linha do trem.  
Foto: Mariana Cavalcanti, 2016.

Já na fase de articulação dos contatos com os moradores do Pedregal através de alguns conhecidos da universidade, eu estreitei um laço, muito ocasionalmente, com um conhecido que eu tinha da Rodas de Maracatu que costumo frequentar. Numa conversa com ele, a quem eu vou chamar de Manoel<sup>1</sup>, em um dos eventos que fui no centro da cidade, descobri que ele havia morado muito tempo no Pedregal, tinha se mudado para outro bairro, mas acabara de voltar para aquele. Falei da minha pesquisa e ele, muito solícito, disse que poderia me levar para as primeiras incursões no bairro. Marcamos um dia à tarde e encontrei ele justamente no ponto de ônibus que eu costumava ver aqueles grupos de adolescente descenderem na volta do Shopping.

Como Manoel havia morado um considerável tempo fora do bairro, muitos jovens não o conheciam muito, sendo ele mais familiarizado com os idosos, que sempre o cumprimentavam enquanto caminhávamos. Andamos praticamente o bairro inteiro. A medida que ele cumprimentava algumas pessoas, ele me apresentava como sua amiga e os olhares de curiosidade perguntavam imediatamente de onde eu era. Claramente eu era reconhecida como uma não moradora do bairro. Entramos em algumas ruas que, segundo meu interlocutor,

---

<sup>1</sup> Todos os nomes dos interlocutores presentes no texto foram substituídos por nomes fictícios

eram “bocas de fumo” mas foram interceptadas por algumas operações realizadas pela Polícia. O fato dele não ser conhecido pelos jovens do bairro me causava um pouco de receio de, em algum momento, sermos questionados ou retaliados de alguma forma por estarmos adentrando em “pedaços” (MAGNANI, 2007) que não eram os nossos. O maior exemplo disso foi quando resolvemos andar no conhecido Canal do Pedregal. Já tinha ouvido falar muito dele como um local marcado por conflitos e território de uma das facções do bairro. Logo quando entramos, dois meninos saíram de lá e meu interlocutor cumprimentou-os educadamente e eu fiz o mesmo. Eles sabiam que nós não éramos de lá. Eu estava animada e ao mesmo tempo receosa. A vontade de ir adiante e conhecer mais aspectos do local era o que mais me movia. Vi, ainda no canal, diante da precariedade de um esgoto a céu aberto, jovens soltando pipas, alguns adultos conversando nas calçadas, mulheres embalando bebês e idosas olhando as crianças que brincavam.

Depois de caminhar cerca de 2 horas pelo bairro, consegui conhecer as ruas onde havia mais fluxo de comércio e trânsito. Manoel mostrou-me aquelas que ele considerava as principais referências do bairro, entre elas: um mercadinho, a Sociedade dos Amigos do Bairro – SAB, o Posto de Saúde que fica vizinho, o Posto Policial e a Assembleia de Deus; ele me falou das atividades realizadas pela SAB, entre elas, cursos voltados para jovens e me indicou um amigo seu que é rapper e às vezes ministra cursos. Eu já havia escutado as músicas desse artista e outras pessoas também haviam me falado sobre ele. Na volta para casa, entrei em contato com o rapper Ramon via *facebook* e ele me convidou para uma festinha para as mães dos jovens da SAB que ia ser realizada no PSF. Lá, conheci-o pessoalmente e fui apresentada à equipe de profissionais do PSF. Durante a festinha, foi conversado com as mães presentes sobre os cursos oferecidos na SAB, frequência e comportamento dos alunos; alguns professores estavam lá e se apresentaram, falaram um pouco do trabalho e pediram para eu me apresentar também. Falei, então, que eu era estudante do Mestrado em Ciências Sociais na UFCG e estava ali desenvolvendo uma pesquisa sobre o lazer dos jovens no Pedregal, expliquei o convite do rapper e a importância do papel da SAB para este trabalho. Nesse momento, sabia que aquele meu primeiro contato era um cartão de visita, podia ser crucial para uma

primeira aceitação das pessoas. Tive receio de não compreenderem uma aparente falta de “serviço” do meu papel ali, diante dos professores, todos voluntários, que ofereciam seu trabalho e conhecimento para os jovens moradores do bairro. Eu pensava se a minha presença no bairro seria questionada em virtude de não oferecer nada ou representar algum tipo de ameaça. Agier reflete sobre essa relação na pesquisa de campo:

O campo não é uma coisa, não é um lugar, nem uma categoria social, um grupo étnico ou uma instituição. É talvez tudo isso, segundo o caso, mas é antes de tudo um conjunto de relações pessoais com as quais “aprendemos coisas”. “Fazer pesquisa de campo” é estabelecer relações pessoais com quem não conhecemos anteriormente, junto de quem chegamos um pouco na marra. É então preciso convencer da lisura de nossa presença, pelo fato de que eles nada têm a perder mesmo se também não têm grande coisa a ganhar, sobretudo, que eles não correm nenhum risco. (AGIER, 2015, p.34)

Esse anseio já se manifestava nesse momento, mas eu sabia que o maior desafio de tentar convencer e estabelecer uma relação de confiança não seria com aquele grupo de mães ou com os profissionais da SAB ou do PSF, seria diretamente com os jovens. Ao falar da minha pesquisa, fui bem recebida pelo pessoal, que me chamou depois para participar da foto, lancha e pegar uma lembrancinha da festa, sorriam para mim e estabeleciam pequenos diálogos.



**Foto 23** - Prédio da Sociedade de Amigos do Bairro. Fotografia: Mariana Cavalcanti, 2016.



**Foto 24** - Unidade de Polícia Solidária do Pedregal. Fotografia: Mariana Cavalcanti, 2016.

Conversei muito com Ramon depois da caminhada sobre seu trabalho e sobre os jovens do bairro. Ele me falou que suas letras procuram refletir sobre a periferia, em especial o Pedregal e estava animado com o lançamento de um clipe com sua música. Convidou-me, então, para um show que seria realizado num bar do Pedregal a fim de lançar esse clipe. As semanas que antecederam o show foram marcadas por alguns acontecimentos que envolvia uma morte por suposta vingança de um indivíduo ligado a um chefe do tráfico – fato assim considerado não só pela Polícia e pela mídia, como pelos próprios moradores do bairro. Após esse evento, o ônibus da linha 555, que faz percurso pelo Pedregal, foi incendiado nas proximidades do bairro. A empresa responsável por essa linha mudou a rota do ônibus e suspendeu sua passagem pelo Pedregal. O show, então, foi adiado em virtude desses acontecimentos, ele seria realizado somente quando a sensação de insegurança fosse amenizada; essa advertência foi-me reforçada, inclusive, por meus interlocutores.

Segundo Ramon, a escolha de um bar específico para a realização do show se deu em razão dele ser um local mais ameno e menos propício ao embate entre membros da facção. Ele fica localizado em um ponto do bairro onde a tensão é um pouco mais reduzida, em razão de ser um território “demarcado” da facção que supostamente domina o Pedregal, não havendo de modo habitual disputas por esse local, e, tendo, também, um “acordo prévio”

para não ter “treta”, isto é, confusão. O evento teve sua data remarcada e compareci como combinado. Fui com Manoel e outros conhecidos meus que também eram amigos de Ramon e igualmente artistas, moradores de outros bairros, que frequentam e se apresentam nas festas e bares que eu também vou. Comecei a perceber ali um contato entre os artistas da cidade que prestigiavam os shows uns dos outros, principalmente daquilo que chamamos “estilo alternativo”, em contraposição aos gêneros musicais dominantes em Campina Grande e na Paraíba, de um modo geral.

O local do show era amplo e aos poucos algumas pessoas foram chegando. A maioria jovem e masculina. Os grupos eram claramente diferenciados a olho nu. Os artistas ficavam todos de um lado do bar, alguns jovens do outro e aparentemente não se conheciam. Até o momento eu não via a presença do público feminino, a exceção de algumas mulheres que estavam com seus companheiros. Depois de um certo tempo, chegou um grupo com cerca de 6 meninas. Enquanto meus interlocutores e seus amigos davam os últimos ajustes para iniciar os shows, aproveitei para conversar com alguns meninos que também faziam do grupo de artistas que iam se apresentar naquela noite. Observei os outros grupos a espera de travar, se fosse a ocasião, algum diálogo com indivíduos que não estivessem necessariamente no grupo que eu já estava familiarizada; mas notei um certo isolamento deles em relação aos outros. Acreditei que naquela oportunidade eu ainda devia respeitar a fase de reconhecimento do campo. O show terminou por volta das 22h e fui com mais três amigos pegar ônibus próximo à linha do trem para voltar para casa. Assim que chegamos no ponto, avistamos um ônibus se aproximando e ficamos contentes por não termos que esperar. Demos a mão com sinal e o ônibus, que vinha quase vazio, passou direto. Senti diretamente um dos reclames que costumo ouvir dos moradores do bairro que é a luta para um ônibus parar em lugares marcados pelo preconceito e pela sensação de insegurança; e, assim como várias outras pessoas que moram ali, tivemos a experiência de esperar quase 1 hora, em uma rua mal iluminada e vazia, até outro ônibus, o último da noite, chegar e resolver parar para subirmos.

Esses momentos são o que posso considerar como minha primeira entrada no campo, pois pude experienciar uma dinâmica relativa a um grupo

específico, o do “circuito artístico”. Os meus primeiros contatos foram intermediados por amigos, conhecidos e amigos de amigos e ainda faziam parte de um processo de um reconhecimento geral do bairro. Mais a frente passo a discutir outros momentos que compuseram a continuidade da minha inserção no campo.

## 1.2 Etnografia para além de um método ou técnica

A formação do cientista social que decide ir a campo não o destitui, necessariamente, de preconceitos nem lhe fornece a armadura ideal contra os sentidos que são carregados de sua vivência. No entanto, um considerável exercício na reflexão teórica pode concorrer para que os prejulgamentos de quem vai a o campo não sejam tão desinformados como os dos leigos (EVANS-PRITCHARD, 2005).

É neste sentido que questionamos a função do pesquisador no campo: quais são os elementos que proporcionam essa competência de discernir as significações do espaço e das relações sociais que são estudadas? Qual a “magia” que Malinowski (1978) denomina capaz de tornar o pesquisador qualificado na busca pela objetividade científica no espaço que lhe é “exótico”?

Originados nas propostas de Malinowski e seguindo até as recentes tendências, entendemos que os métodos de coleta, a manipulação e o registro da evidência, além de alternativas propostas pela Antropologia pós-moderna, como a polifonia na escrita etnográfica<sup>2</sup> podem figurar enquanto elementos onde a experiência no próprio campo irá dizer o que de fato se faz viável ou não. E mesmo quem trabalha com etnografia não há de determinar aquilo que efetivamente funciona de uma maneira universal, uma vez que tudo depende da abordagem pretendida do fenômeno estudado, das condições enfrentadas na prática e, inevitavelmente, do ponto de vista do pesquisador.

---

<sup>2</sup> Caldeira (1988:141) explica que a ideia desse modelo é representar muitas vozes, muitas perspectivas, recorrendo a vários meios, como por exemplo, citações de depoimentos, autoria coletiva, “dar voz ao povo”, entre outros.

Definir uma teoria e um método de abordagem auxilia enormemente o etnógrafo na composição prévia da sua pesquisa, mas a experiência é o que, com efeito, irá fornecer a bagagem das sutilezas do trabalho em campo. A articulação entre essas dimensões é de extrema relevância no empreendimento do fazer etnográfico.

Ademais, é importante ressaltar que a objetividade almejada por nosso campo de estudo se dá de maneira diferente das ciências exatas. Lembremo-nos da consideração feita por Geertz (2002), onde ele se contrapõe à concepção de uma etnografia enquanto descrição fidedigna dos fatos, afirmando que esta é também um produto de estratégias retóricas. É justamente nesse ponto onde a Antropologia Interpretativa vai se sustentar, isto é, na questão onde o objetivo do etnógrafo é convencer o leitor que “esteve lá” e fazer com que sinta o que “sentiu lá”.

Geertz considera que o indivíduo está inserido em teias de significados, construídas por outros e por ele mesmo. Entretanto, em que pese a contribuição de Geertz, a crítica pós-moderna afirma que a ideia sugerida por esse antropólogo e seus seguidores não avança, pois insiste na noção de fragmentar radicalmente a relação entre observador e observado (CALDEIRA, 1988: 141). Dessa forma, cabe questionarmos como pensar nas nuances subjetiva – do eu e do “outro” inseridos ou relegados em nossa pesquisa. Baseamo-nos na ideia de Berger e Luckmann (2004) de que o indivíduo se autoproduz mas também é produto e produtor da realidade, onde é possível observarmos a interação social enquanto fonte da produção do ser humano enquanto ser social. Essa interação se não é a composição maior da etnografia, perpassa-a com grande força, constituindo-a para além de um método ou técnica; trata-se do encontro intersubjetivo do pesquisador e dos sujeitos pesquisados construído nas tensões entre identidade/alteridade de ambos (ROCHA; ECKERT, 1998)

A fim de estudar os jovens na perspectiva por nós apresentada nesse projeto, acreditamos que considerar essa ideia de indivíduo e sociedade em conjunto, isto é, sem desvencilhar essas duas categorias, é de fundamental importância, em virtude da nossa análise se desenvolver em cima das interações sociais observadas nos circuitos urbanos, levando em conta a relação mútua dos indivíduos e destes com os espaços e equipamentos urbanos. Nesse sentido, é



aqui que poderíamos refletir a etnografia como uma inter-relação entre pesquisador e pesquisado.

Nesse sentido, lembramos do “anthropological blues” denominado por Jean Carter Lave e citado por Da Matta (1978, p.27) compreende o medo de não assumir o lado humano e fenomenológico das disciplinas sociais, que assaltam o pesquisador ao confrontar o exótico e o familiar. O autor sugere que o lado extraordinário das relações pesquisador/nativo é o mais o humano da nossa rotina de pesquisa em campo, e é isso que permite a escrita de uma boa etnografia (idem, 1978, p. 35).

Convencer o leitor de que se esteve lá (GEERTZ, 2002) e que ele sentiria o mesmo que o autor caso também tivesse estado, consiste no papel do etnógrafo. Trata-se um trabalho minucioso, posto o momento de “estar aqui”, isto é, quando passamos a empreender a comunicação com o mundo daquilo que estudamos em campo, ser delicado em função da rede de significados a que o ser humano está ligado. Mas não fica a isso limitado. A “magia” que Malinowski propôs dentro do seu contexto pode e deve ser repensada dentro de uma ideia de que não existe uma receita do fazer etnográfico, considerando, assim, a fluidez, a flexibilidade daquilo que estudamos e do método de análise, como preocupações referentes à história, comunicação e relações de poder.

Diante do exposto, percebemos que não dispomos de regras inflexíveis para realizar uma pesquisa de campo e posteriormente traduzir o que foi experienciado para a escrita. É a vivência etnográfica que nos possibilita compreender e buscar a conciliação entre teoria e prática, bem como as distâncias e as tênues linhas existentes entre nós e o “outro”. Argumentamos nessa perspectiva até aqui a fim de demonstrar que a etnografia possui esse caráter de seguir os atores e, aos poucos, ir delineando o caminho que pretendemos compreender, de acordo com o fluxo que a dinâmica social estudada seguir quando de nossa pesquisa.

A etnografia possibilita uma interação entre pesquisador e pesquisado, e, no caso da presente pesquisa, nos auxilia a pensar a juventude para além das considerações etárias e classistas, observando um leque de outras dimensões que nos ajudam a estabelecer um diálogo mais rico a respeito da categoria. A cidade mostra-se enquanto um campo fértil para recortes de investigações dos

mais variados temas, sendo possível observar processos de inserção e ocupação do espaço urbano, sociabilidades, lazer, relações geracionais, etc (MAGNANI, 2012).

Pensar não só os jovens, mas também a periferia e os seus espaços em sua rede de interdependência com outros grupos e outros lugares da cidade nos remete também aos ensinamentos de DaMatta (2003), ao considerar que muitos espaços e temporalidades convivem simultaneamente, sendo tempo(ralidade) e espaço frutos de uma construção social. A cidade, assim, se desdobra em “uma grande rede de comunicação e práticas sociais que interpela os atores de diversas maneiras.

As identidades juvenis se constituem em espaços-tempos de sociabilidades e práticas coletivas (...), de forma que “nos territórios usados pelas coletividades juvenis são elaborados espaços de autonomia que permitem a essas coletividades transformar os espaços previamente concebidos” (Carrano e Fávero, 2014: 13-14). Dessa maneira, a categoria de circuito elaborada por Magnani (2007) tem auxiliado os estudos que intentam buscar compreender a juventude nas suas mais variadas dimensões da vida cotidiana, sobretudo no que tange às sociabilidades nos espaços urbanos, como é o caso da presente pesquisa.

Dessa forma, podemos observar que o ponto central da discussão sobre o circuito está em analisar como os jovens circulam por vários espaços, considerando o cotidiano deles e identificando os pontos onde são estabelecidas interações amistosas, mas também conflituosas, bem como os parceiros que figuram essas relações de troca. Essa perspectiva, portanto, permite-nos estudar a diversidade que pode ser percebida dentro dos circuitos.

Ingrid, Manoel e Ramon, os primeiros interlocutores que apresentei aqui, moram no mesmo bairro e possuem maneiras de visualizar e utilizar os espaços do Pedregal comuns em alguns aspectos, mas também se diferenciam em outros sobretudo em virtude dos grupos e momentos de lazer que participam. Essas diferenças podem ser observadas em virtude de gênero, classe social, religião, ideologias, entre outras chaves de análise. É nesse sentido que compreendemos a diversidade das condições e formas de experienciar a vida em sociedade que os indivíduos possuem. Esses elementos perpassam muitas questões. Acredito, também, que observar as relações sociais no sentido de

apreensão e uso dos espaços onde os seres humanos atuam direta ou indiretamente em interação com outros seres humanos e com o próprio espaço, é uma forma de compreender as nuances da contemporaneidade. Problematizar, portanto, a categoria social da juventude, questionando os parâmetros tradicionais de sua conceituação, nos é vislumbrado também como uma tentativa de compreensão das relações sociais no mundo contemporâneo. Para tanto, a etnografia é muito cara na perspectiva adotada por este trabalho, pois somente a inserção do pesquisador em campo possibilita uma aproximação real das redes de relações dos indivíduos.

### 1.3 Nas batidas das travessias

*“Eu atravesso as coisas — e no meio da travessia não vejo!  
— só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada.  
Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a  
nado, e passa;  
mas vai dar na outra banda é num ponto mais embaixo,  
bem diverso do que em primeiro se pensou (...)  
o real não está na saída nem na chegada:  
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia...”  
(João Guimarães Rosa, 1986: 26-52)*

O trecho acima é retirado da obra Grande Sertão: Veredas que conta a história de um ex-jagunço, Riobaldo, que entre as desventuras do seu ofício, se apaixona por um rapaz chamado Diadorim. O personagem narra para um homem “letrado” recém chegado na região suas sensações, descobertas, desejos reprimidos, imprevisibilidades e, sobretudo, o perigo que é a vida. “Viver é muito perigoso...” é uma frase que se repete diversas vezes nesta trama e sugere o quanto somos passíveis de descontroles frente às experiências da vida. O espaço onde essa história é situada é o sertão, que é comparado à própria vida. O entrelaçamento, o atravessamento – a travessia – é a existência. Viver, se aprende vivendo. Ou melhor, o “aprender-a-viver é o que é o viver, mesmo”.

Faço, assim, uma analogia das reflexões de Riobaldo com a do antropólogo. O pesquisador pode até dispor de uma teoria e roteiro prévios, no entanto, existem os afetos. Não é possível não ser afetado, de uma maneira ou de outra. A etnografia, como já ressaltou Magnani (2009), não é uma ferramenta que pode ser utilizada de maneira trivial. Há dois momentos que este autor

denomina de Prática Etnográfica e Experiência Etnográfica. Aquela se detém na parte mais formal de feitura do projeto, levantamento bibliográfico, idas a campo mesmo que não exista nada de “interessante”, mesmo quando aparentemente nada acontece. Dentro desse contexto, é possível, segundo o autor, que surja o *insight*, a Experiência Etnográfica, que é o encontro com o outro, a reflexão, a famosa “sacada”.

A articulação desses dois momentos, a prática e a experiência, é atravessada por afetos, significados, dúvidas, imprevisibilidades, por “hóspedes não convidados da situação etnográfica” como pontuou Levi-Strauss<sup>3</sup>. Mas, também é atravessada por euforias, paixões, expectativas, alegrias. É um ofício intelectual e emotivo. Essa emoção, entretanto, não precisa estar constantemente atrelada a uma experiência pesarosa ou misantropa.

Meus primeiros contatos com meus interlocutores foram basicamente para conversar na casa deles mesmos e saber um pouco da sua vida, suas memórias da infância no bairro, seus amigos etc. Na maioria dessas oportunidades, pude conhecer suas famílias e ver um pouco das suas rotinas. Após esses encontros, eu costumava voltar um pouco triste para casa. Apesar de saber que eu estava indo, a priori, desenvolver a prática etnográfica, buscar dados e pistas para o meu trabalho, eu era afetada pela condição da maioria dos meus interlocutores. Grande parte dos adultos das famílias que tive contato é composta por membros que possuem empregos informais, como vendedora de din-din, manicure, vendedor ambulante e, quando possuíam carteira assinada, trabalhavam em empresas do ramo têxtil, auxiliares de serviços gerais, entre outros.

Nas minhas entrevistas, optei pela modalidade não-diretiva, a qual, segundo Lakatos e Marconi (1995) o entrevistador não formula perguntas, sugere, mais, o tema que está sendo pesquisado, deixando o entrevistado mais à vontade para pontuar questões de maneira espontânea. Esse tipo de entrevista, de acordo com as autoras, evita atitudes autoritárias e paternalistas, além de manifestar uma atitude de colaboração. Acredito que foi uma boa escolha, pois vi um *feedback* satisfatório dos interlocutores e desenvolvi uma

---

<sup>3</sup> Ver O ofício do etnólogo ou como ter Anthropological Blues. DaMatta, R.

relação de colaboração, a ponto de muitas vezes eles mesmos me procurarem com sugestões para as minhas reflexões, situações e eventos que poderiam ser interessantes para meu trabalho.

No entanto, passei por um período de desorganização mental. Notei que eu precisava controlar o meu interior para desenvolver uma pesquisa científica e tomar as rédeas da pesquisa. Como falei, fui afetada de diversas maneiras. Nas reflexões sobre esses meus afetos, questionei como e se eu deveria de fato relatar essa situação no meu trabalho. Decidi que sim, pois. Ora, encontrar o outro não gera uma reflexão isolada somente daquilo que lhe é alheio. A reflexão do outro perpassa também pelo questionamento do seu próprio eu. A Antropologia não determina fronteiras, mas sim, atravessamentos, travessias. Destaco um fragmento do meu diário de campo a fim de ilustrar um pouco esses momentos:

Pensei muito no quanto se fala de meritocracia e me comparei a Ingrid. Temos a mesma idade. Eu estou perto de terminar um mestrado. Ela, ainda não conseguiu passar para a graduação. Isso me marcou porque eu senti muita força quando ela falou do seu sonho de fazer psicologia. Ela terminou o ensino médio, faz um cursinho gratuito oferecido pela UFCG há três anos e já tentou o ENEM por três vezes, sem sucesso; trabalha como manicure, frequenta a igreja, sua mãe é dona de casa e passa a maior parte do tempo cuidando do marido que tem uma depressão séria há anos e vive trancado no quarto. Seu irmão trabalha 12h por dia. Ela, em momento nenhum, reclamou de sua situação para mim, muito pelo contrário, falou sobre tudo com naturalidade e bom humor. Eu vivi minha vida inteira para estudar. Estar num mestrado, hoje, não é puro e simplesmente mérito meu. É bem previsível que eu esteja hoje onde estou. Nada de heroísmo. (Diário de Campo – 10/09/2015)

Ao registrar estas e outras impressões no meu diário, tive receio de estar indo na contramão da pesquisa e deixar que um tom de vitimismo pudesse ter muita força no meu trabalho quando eu relatasse as minhas impressões, os meus sentimentos. Pensei que a medida que eu expusesse essa dimensão emocional no meu texto eu pudesse retirar a neutralidade da pesquisa. O que eu não sabia é que esse receio inicial seria substituído por uma diversão, uma alegria, mais a frente e essa dimensão, sim, seria o carro-chefe desse trabalho.

Em meio a outras entrevistas, os interlocutores também me relataram as marcas da violência na periferia, experiências de medo, de descaso governamental, da falta de oportunidades, de preconceitos, de abusos dentro da

própria família. Não posso esconder como essas questões me atingiram a ponto de passar pela minha cabeça sugerir, algumas vezes, que meus interlocutores procurassem apoio jurídico. Fiquei, muitas vezes, revoltada. Questionei, inclusive, meu papel enquanto antropóloga naquele lugar. Apesar desses pontos encontrarem-se com facilidade no discurso das pessoas que tive contato, com o tempo, percebi que não era o principal. Elas não ignoram os problemas presentes em sua comunidade, mas são conscientes de que esse lugar não se reduz às precariedades. Assim, as pessoas estavam me apontando outros aspectos que, no momento, eu ignorei ou achei não ter muita relevância – como é o caso das conversas nas calçadas e que viria a ser um dos pontos-chave da minha pesquisa – que aprofundarei adiante.

O já consagrado termo *Anthropological Blues*, na obra de DaMatta, trata sobre a desmistificação do pesquisador isento de afetos, neutro, blindado. Esse processo, para DaMatta, envolve uma tristeza (daí a referência ao *Blues*), uma angústia e melancolia que fazem com que o pesquisador se recomponha e crie estratégias para lidar com as situações. Essas emoções, quando debatidas no texto, descortinam os mitos de isenção do antropólogo. Bittencourt (2011), no entanto, faz uma distorção – no sentido da música de fazer um ruído, de potencializar o barulho produzido pela guitarra – do proposto por aquele. Ao realizar uma pesquisa sobre os *straightedges* em São Paulo, o autor sugere o a etnografia como expressão de alegria, propondo o termo *Anthropological Rock*, dada a circunstância do seu trabalho que se encontra diretamente ligada ao rock enquanto gênero musical. Define o autor:

*O anthropological rock é uma proposta que pode até ser pensada como “metodológica”, mas não pode se esgotar nessa funcionalidade. Trata-se principalmente de um manifesto político, pois compreende um esforço em prol de uma antropologia menor; molecular, nômade, de múltiplas entradas, como alternativa aos modelos implementados pela antropologia maior; molar, arborescente, calcada nas representações. A antropologia menor provoca um ruído desestabilizador na tradição, permitindo as misturas, a invenção; e sua condição política não possui relação com o “militantismo”, pois ela resulta do próprio movimento de uma antropologia que se reinventa constantemente buscando fugir dos modelos instituídos. (BITTENCOURT, 2011, p. 31)*

O autor também destaca que o termo que ele sugere foi o nome que inventou para falar da antropologia que atenta para o indizível na pesquisa de

campo, e que pode ser confundida com outros termos propostos por autores como Wagner, Latour e Strathern. Entretanto, preferindo chamar de *Anthropological Rock*, afirma que o faz pois “somos por direito os xamãs de nossos significados”.

Vianna (1987) ao fazer uma pesquisa sobre o baile funk carioca, também promove uma reflexão sobre sentir o *Anthropological Blues*, questionando o porquê de não registrar a sua diversão, como esclarece a seguir:

Diversão: uma palavra deslocada na maior parte das etnografias. Afinal, tenho ou não tenho que sentir os famosos “anthropological blues”? Afirmar que me diverti durante o período de campo (a não ser em momentos como o descrito na Cena II, que me mostra totalmente dominado pelo “discurso da violência”), não significa dizer que eu ficava pulando no meio dos outros dançarinos. Nunca tentei sentir o que o “nativo” sente. Fui sempre, nesse sentido, um espectador do baile. Era isso que realmente me satisfazia e interessava. Passei todo o tempo “na minha” (observação dos próprios funkeiros) (VIANNA, 1987, p. 9)

Como já pontuei, senti uma tristeza, uma melancolia, devido às situações de precariedade e violência relatadas pelos meus interlocutores, mas não sabia que aquilo era somente uma parte de tudo que estava por vir. Apesar dessas questões mais dramáticas até pautarem em certa medida algumas experiências dos jovens e dos moradores em geral do Pedregal, elas não definem a totalidade do contexto.

Cito as considerações de Bittencourt e de Vianna para refletir acerca da minha própria experiência no campo, onde a impressão que tenho é de uma música de *funk*, especificamente a modalidade do *funk* carioca – muito apreciada por meus interlocutores – um conjunto de batidas que vão sendo sobrepostas e dão corpo à música, juntamente com a letra. No começo da música – isto é, da pesquisa – escutei as primeiras batidas, os primeiros sentimentos e emoções, a tristeza, a melancolia, a revolta. No decorrer desse ritmo, fui me deparando com outros tons, batidas mais fortes e contagiantes que me seduziam e faziam, efetivamente, com que eu me divertisse.

A travessia, entre o começo e o fim dessa música, foi transbordada de paixões alegres – muito mais que aquelas primeiras impressões. Estar com os jovens do Pedregal fez-me não sentir como um deles de maneira propriamente

dita, mas gerou uma espécie de oxigenação da mente, de ver de perto experiências que me reportavam a momentos passados da minha vida, mas que, sobretudo, fizeram-me refletir sobre espaços e aspectos diferentes dos experimentados por mim. Fizeram, especialmente, com que eu me divertisse e me sentisse motivada a cada ida a campo.

Diversão, entretanto, não é sinônimo direto de facilidade. Como eu posso passar tudo que vejo, ouço e reflito para o meu texto? E será que os passo de maneira a demonstrar a “realidade”? Será que consigo, efetivamente, mostrar o quanto experimentei tristezas e alegrias, o quanto os dilemas se fizeram presentes na consecução da pesquisa, o quanto “travei” em alguns momentos e, em momentos raros, mas bem dolorosos, achei que não conseguiria fazer nada? O meu texto edificará algo? Será que minhas interpretações estão corretas? Não estou imbuída de ilusão, achando estar no caminho certo? Não seria meu trabalho uma ficção? Os “se” foram meus amigos fieis, inseparáveis e, por vezes, cansativos, durante essa trajetória e, principalmente, no momento da escrita, povoando, até mesmo, os momentos inevitáveis e relatados por diversos colegas da área: os sonhos. Acordar no meio da noite e ficar pensando nessas questões já é habitual.

A despeito dessas dúvidas sobre a “verdade” do trabalho, Strathern (1987), ao tecer algumas considerações sobre a escrita e o pensamento antropológicos, relaciona a etnografia a uma “ficção persuasiva”. A autora afirma que quando um pesquisador opta por um estilo “científico” ou “literário”, ele assinala o tipo de ficção que faz, destacando, assim, que não é possível proceder com essa escolha buscando evitar totalmente a ficção. O pesquisador, assim, seleciona estratégias narrativas, de tal forma que o ponto a ser privilegiado é a articulação das ideias e sujeitos de diferentes contextos. A autora, aduz, ainda para o problema da comunicação, que primeiramente perpassa pela compreensão do pesquisador até o fazer ser entendido pelo público leitor. Interpretar conceitos e práticas nativas envolve o desafio de constituir um meio entre a experiência do pesquisador e a de quem lê:

O efeito de uma boa descrição é alargar a experiência do leitor. Mas essas e muitas experiências do leitor são elas mesmas um problema –



o que garante que a descrição não estará cheia de preconceitos, e que não irá, longe de alargar, meramente aumentar a perspectiva estreita? Nós pensamos nos antropólogos como os típicos criadores de dispositivos por meio dos quais é possível compreender o que outras pessoas acham e em que acreditam. E, claro, como simultaneamente empenhados em construir dispositivos através dos quais se pode afetar aquilo que seu público acha e acredita. Preparar uma descrição requer estratégias literárias específicas, a construção de uma ficção persuasiva (...) (STRATHERN, 1987, p. 44)

Os desafios, assim, encontram-se, segundo a autora, na própria consecução do texto, na organização da análise, na introdução dos conceitos e categorias – “Confrontar o problema é confrontar o arranjo do texto” (idem, *ibidem.*). As distâncias estão presentes em várias dimensões e a tarefa é aproximá-las, ou melhor: promover a possibilidade de vislumbrar um diálogo e reflexão sobre elas. Pensar a engenhosidade que permite esse encontro entre autor e leitor, que edifica alguma contribuição é, sem dúvida, a parte mais complexa.

Não posso deixar de reiterar, assim, que meu trabalho é uma ficção persuasiva. Os esquemas que escolhi para a feitura deste fazem parte de um contexto específico, de travessias. São, portanto, desconfianças, muito mais que certezas inabaláveis. Para voltar ao início desse tópico, invoco novamente o personagem Riobaldo de Grande Sertão: Veredas: “Eu quase nada sei, mas desconfio de muita coisa...”.

## 2 RECONHECENDO O CENÁRIO

Depois de jantar, Suzana, 14 anos, toma banho, se arruma, bota um batom e avisa a sua mãe que está saindo para andar com as meninas. Encontra uma amiga na sua rua, perto do supermercado, desce uma grande ladeira até chegar na rua principal, a Rua São Vicente, e encontra outra amiga na frente de um mercadinho. De lá, passam na frente da igreja, dobram à esquerda, descem uma longa ladeira novamente, viram à esquerda, passam na frente do bar do Carlão, chegam novamente à rua onde Suzana mora e seguem uma considerável caminhada para o lado do bairro onde fica o Colégio Monte Carmelo. No caminho, elas vão encontrando vários amigos, na sua maioria, meninos, e já vão perguntando por outros conhecidos. Começam a surgir os grupinhos de amigos, sentados nas calçadas, conversando, rindo, paquerando com outras meninas que passam, mexendo no celular, ouvindo música e interagindo com outros conhecidos que passam em cima das motos, principalmente nas chamadas “cinquentinhas”.

É sábado à noite e, apesar de terem hora certa para voltar, Suzana e suas amigas curtem bastante os passeios, afinal, o clima do bairro é atrativo, animado, a cada rua que se passa, uma música diferente, pessoas passeando para todos os lados, as calçadas ocupadas com famílias, crianças, adultos que tomam uma cervejinha em meio à quente noite de verão e, sobretudo, muitos jovens. As lanchonetes recebem pessoas de outros bairros também, a exemplo do Jeremias, Bodocongó e Centro. Os preços são em conta e os lanches generosos. A Pastelaria da Nega, que fica uma rua paralela à Rua São Vicente – uma das principais do Pedregal no que consiste à oferta de serviços nos turnos do dia e da noite – é lotada, o atendente tem dificuldade de decorar tantos pedidos, especialmente por ser sábado, dia em que o movimento está a mil.

Na Rua São Vicente existe uma esquina onde, durante a noite, uma tenda abriga várias pessoas que vão comer espetinho. O ônibus que faz a linha do Pedregal tem uma parada a cerca de 100 metros depois, mas para antes, na esquina. Da janela do ônibus, o motorista pede um espetinho de frango com bacon. “É pra já, moral”, responde o vendedor. Conversam muito rapidamente e

dão a entender que é uma prática habitual (de fato, é, como pude constatar outras vezes). O ônibus segue seu trajeto.

O GigaBar, quase em frente ao espetinho, também é referência no Pedregal e ponto de encontro das pessoas que vão beber, comer um tira-gosto e conversar. Funciona todos os dias, mas é aos fins de semana que o movimento “bomba”<sup>4</sup> de verdade, abarcando jovens, adultos e idosos de diversos bairros da cidade.

Alguns poucos carros estacionam na rua São Vicente e abrem suas malas para tocar música. Suzana e Ingrid me contam que há alguns anos a rua era muito mais movimentada, tendo sempre os chamados Muvucões, onde vários carros de som tocavam forró, rap, suingueira mas principalmente *funk*. As pessoas dançavam, bebiam e curtiam muito. Até que alguns desentendimentos em relação ao barulho e brigas faziam com que a Polícia entrasse constantemente em conflito com algumas pessoas, recaindo na diminuição da frequência desses eventos. No período de término de feitura deste trabalho, entre os meses de dezembro e janeiro, os Muvucões tornam a acontecer no bairro, em virtude de um acordo de paz entre duas gangues rivais. Essa trégua também mobilizou uma “caminhada da paz” encabeçada por alguns líderes comunitários, no dia 07 de janeiro de 2015, para comemorar a “nova fase” que o Pedregal vive.

A Rua Santa Luzia, assim como a Rua São Vicente, é outra bem frequentada e possui uma ampla rede de serviços. Os barzinhos e lanchonetes são movimentados e também é possível visualizar muitas pessoas nas calçadas conversando ou jogando dominó, por exemplo. Uma boa rota para conhecer um pouco a dinâmica do Pedregal é pegar o ônibus 055, vindo do Centro, que atravessa uma parte considerável do bairro.

Enquanto caminho na Rua Santa Luzia, vejo muito jovens andando, falando com conhecidos que passam por eles, brincam entre si, fazem piadas e riem enquanto empinam as motos. Nesse momento, Suzana diz entusiasmada “Vamo na outra rua que os meninos tão passando por lá!” e Ana se opõe “Ah

---

<sup>4</sup> Expressão usada para dizer que muitas pessoas compareceram ao evento ou local e a movimentação foi animada.

não, quero ir pra lá não, aqui tá mais animado”. Suzana insiste e caminhamos até lá. Essa outra rua é uma paralela à Santa Luzia: é a São Francisco, que possui menos bares e lanchonetes mas também é uma rua movimentada por muitas pessoas conversando nas calçadas. Alguns jovens estão reunidos na frente das casas e os meninos que antes passeavam de moto na Rua Santa Luzia, de fato, estão lá.



**Foto 25** - Rua São Francisco. Foto: Mariana Cavalcanti, 2015.



**Foto 26** - Rua Santa Luzia. Fotografia; Mariana Cavalcanti, 2015.

Quando chegamos lá, Suzana e Milena falam com alguns meninos, “tiram onda”<sup>5</sup> com o corte de cabelo de um deles e riem dos olhares curiosos para a minha presença novata por ali. Um dos meninos diz “Oxi...apresente as amigas aí”. Suzana me apresenta e ele me pergunta de onde sou e digo que moro no Centro. “Ah pode crer, pois seja bem vinda”, ele me responde. Percebo que muitos deles mexem em seus *smartphones*, outros meninos vêm de moto ao encontro dos demais, trocam uma rápida ideia com os que estão parados na calçada e voltam a passear.



**Foto 27** - Jovens passeando em motocicleta. Fotografia: Mariana Cavalcanti, 2015.

O horário avança, já é por volta das 21h e as meninas decidem passar novamente pela rua do Pastel da Nega, pois segundo Milena, essa hora os meninos que se encontram naquela rua estão mais concentrados na frente da casa de um deles. No caminho, encontramos com outra amiga das meninas que nos acompanha. Quando chegamos lá, a rua tinha muitas motos de clientes do Pastel e também de alguns meninos que estavam reunidos nas calçadas da rua. Estávamos em 6 e Suzana diz para Ana e Ingrid se alinharem com o restante de nós para formar uma espécie de “parede” de meninas e fechar a rua. Pergunto o porquê disso e ela me responde em meio a risadas “Pra quando vier alguém

---

<sup>5</sup> Fazem algum tipo de brincadeira, piada.

de moto ou carro, parar e olhar pra gente. É pra se amostrar mesmo. Quando a gente tá andando de grupo, a gente faz isso, fecha a rua enquanto anda”.

Essa é uma parte do cenário que é possível identificar no Pedregal. São pontos de encontro fáceis de encontrar com uma caminhada relativamente rápida. O cenário, aqui, é entendido não como mero conjunto de espaços físicos, mas observado sob a ótica de uma relação destes com os seus atores sociais. Conforme esclarece Magnani (2000):

Delimitar o cenário significa identificar marcos, reconhecer divisas, anotar pontos de intersecção – a partir não apenas da presença ou ausência de equipamentos e estruturas físicas, mas desses elementos em relação com a prática cotidiana daqueles que de uma forma ou outra usam o espaço: os atores. (idem, p.38)

Os atores ocupam e significam os espaços. Os sujeitos que moram no Pedregal, mas também aqueles que frequentam o bairro, são capazes de reconhecer uma gramática espacial – e também temporal da dinâmica existente ali. A esquina da Rua São Vicente, por exemplo, durante o dia, não é sempre ocupada e, a um primeiro olhar, pode ser que sugira que não há nada ali além uma estrutura física que bifurca uma determinada rua. À noite, entretanto, ela ganha mesinhas, cadeiras, uma tenda e diversas pessoas que vão à procura de saborear o espetinho.

Assim também acontece com muitas residências ao longo do bairro: durante a noite, é possível sentir aromas escapando por entre as janelas de muitas casas que, no período do dia, novamente a uma presença desconhecida, podem não representar pontos de encontro, lazer e consumo. Muitos moradores do Pedregal trabalham de dia e, à noite ou nos finais de semana, vendem lanches como salgados, sanduíches, cachorro-quente e espetinho para complementar a renda, transformando e adaptando pequenos espaços de suas casas em lanchonetes.

## **2. 1 Discutindo a ideia de periferia**

Desenvolver uma pesquisa no Pedregal pede uma reflexão sobre a situação social desse espaço, de modo que os discursos dos próprios interlocutores moradores do bairro, constantemente trazem à tona considerações sobre experiências de pertencimento ao local. Dessa forma, uma compreensão das nuances que delineiam a ideia de periferia faz-se relevante.

Para a realização deste trabalho, é vislumbrado o caminho a partir de um olhar de inter-relação entre as juventudes e a categoria de *circuitos*, de modo que esse estudo foi desenvolvido a partir da observação de como os sujeitos se relacionam entre si nos espaços urbanos por onde circulam, mais especificamente em um bairro considerado “favela” ou “periferia”.

O bairro do Pedregal, na cidade de Campina Grande, integra, segundo o censo realizado no ano de 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o rol de aglomerados subnormais do estado da Paraíba, figurando como o maior deles, com uma população que ultrapassa o número de 8.400 pessoas.

O conceito de aglomerado normal busca abranger a diversidade de assentamentos irregulares no país, popularmente conhecidos pelos termos de favela, baixada, comunidade, vila, entre outros. Tal conceito foi delineado no final da década de 1980, a partir de reuniões entre o IBGE, representantes da comunidade acadêmica e de instituições governamentais. Assim, o IBGE define aglomerado subnormal como:

conjunto constituído de, no mínimo, 51 (cinquenta e uma) unidades habitacionais (barracos, casas...) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa. (Censo demográfico, 2010)

O processo de favelização pelo qual passou Campina Grande acompanha a conjuntura do resto do país: de acordo com Souza (2010: p. 2), o início desse processo na nossa cidade “está associado ao crescimento populacional e ao êxodo rural em direção aos centros urbanos provocados pela busca de melhoria de vida pela população e pela ausência de reforma agrária”, processos estes cuja visibilidade é constatada sobretudo entre as décadas de 1970 e 1980.

O bairro do Pedregal encontra-se localizado na zona oeste de Campina Grande e nasceu por meio de uma ocupação, e aos poucos foi tomando uma forma desordenada em virtude da chegada tumultuada de novos moradores, conforme afirmam Bezerra e Chao (2009, p. 168-169). Tal bairro encaixa-se nos parâmetros designados pelo IBGE que definem o que vem a ser um aglomerado subnormal, sendo, portanto considerado enquanto um por esse Órgão.

Observa-se, portanto, que o Pedregal sofre tanto da precariedade habitacional quanto da precariedade de serviços públicos, sendo possível visualizar problemas de saneamento básico ou ausência de espaços de lazer a exemplo de praças, como destaca Souza (2010) em pesquisa realizada em Campina Grande acerca do processo de favelização.

A favela, categoria que ganha espaço nas discussões acadêmicas sobretudo com os estudos desenvolvidos no Rio de Janeiro sobre a invasões de terras alheias, públicas ou privadas (KOWARICK, 2002: p. 19) desde o começo do século XX, abarca um processo sócio-histórico, sendo observada como aquele lugar geralmente próximo aos locais de trabalho e figuram uma relação jurídica de não propriedade (MARICATO, 2003: p.159). Já a periferia, categoria amplamente utilizada nos estudos desenvolvidos em São Paulo, toma por base o status de periferia do capitalismo, relacionado aos países economicamente mais frágeis. Assim, as periferias foram inicialmente consideradas como aqueles bairros mais distantes do centro, com moradias a preços mais acessíveis, em razão da elevação de valores imobiliários de determinados espaços da cidade.

Observa-se, assim, uma espécie de polarização da cidade: centro/periferia e cidade/favela. Isso implica não só uma dimensão social, mas também jurídica, isto é, a dicotomia legal/ilegal em relação à propriedade é atrelada à distinção feita sobre os espaços urbanos, e política, ao se enxergar esses locais como esquecidos pelo Estado (DAVIS, 2006).

A despeito das tensões conceituais verificadas entre favela e periferia, consideramos uma boa reflexão a feita por Elias e Scotson (2000) na obra *Estabelecidos e Outsiders*, trabalho sobre Winston Parva, comunidade localizada na Inglaterra:

A descrição de uma comunidade da periferia urbana apresentada neste livro mostra uma clara divisão, em seu



interior, entre um grupo estabelecido desde longa data e um grupo mais novo de residentes, cujos moradores eram tratados pelos primeiros como outsiders (idem, 2000, p.19)

A pesquisa desenvolvida por estes autores nos convida a uma reflexão sobre o status simbólico do espaço, pois, na sua pesquisa de campo, eles assinalaram que, apesar de uma extrema proximidade entre três zonas, uma delas, por ser composta na sua maioria por estrangeiros recém-chegados, era extremamente estigmatizada pelas outras duas zonas, ainda que as distinções referentes à classe social não fossem suficientemente claras. O desprezo das zonas 1 e 2 pela zona 3 dava-se em razão principalmente do seu tempo no local. Os moradores da zona 3, assim, eram considerados os outsiders, sendo evitados pelas outras zonas.

Nesse contexto mostrado por Elias e Scotson, podemos assinalar que aquilo que é alheio ao que é estabelecido, isto é, o outsider, possui uma dimensão não só material mas também simbólica. Assim, é possível pensarmos na periferia até certo ponto no seu caráter físico, geográfico, mas também e principalmente, relacional posto que traz à tona também o aspecto simbólico, isto é, como sendo o local que ocupa a margem do estabelecido socialmente. A periferia, portanto, não necessariamente ocupa as margens geográficas da cidade, mas estão localizadas no senso comum como aquilo que deve ser evitado.

Ademais, a respeito do senso comum, é notório a bagagem de preconceitos a respeito das periferias repercutida na mídia, no mercado de trabalho e nas políticas de segurança pública. Muitos moradores do Pedregal, por exemplo, afirmaram que quando mencionam o bairro onde moram, lhes é negado trabalho, como observa Souza (2010). Este aspecto em relação ao trabalho, em algumas entrevistas que realizei, também foi assinalado por meus interlocutores, como é o caso de Nádia:

Ah, quando a gente diz que é do Pedregal, a gente vê logo o olhar torto do povo. É ruim até pra conseguir emprego. Não sei porquê, isso é coisa de gente que não conhece mesmo o bairro. Tem violência? Tem, como todo bairro tem. Mas é uma briga deles dois [das duas gangues]. Nem todo mundo que mora aqui é envolvido com isso, aliás, a maioria não é.

Em situações de “paquera”, meus interlocutores também afirmaram que o fator bairro afeta no desenrolar dos flertes. Segundo eles, ao conhecerem alguma pessoa, em uma situação fora do Pedregal, e informarem o bairro onde residem, dizem ter sentido uma resistência por causa desse fato, mesmo a outra pessoa residindo, muitas vezes, em bairros também periféricos da cidade.

Na pesquisa realizada acerca das mulheres no Hip Hop em Campina Grande, a pesquisadora Mércia Lima (2016) relata uma situação de um jovem dançarino que ensaiava no Parque da Criança e, ao ser perguntado sobre o bairro onde reside, informa de imediato ser em Bodocongó; depois de alguns minutos de conversa, o jovem confessa que mentiu a respeito do bairro onde fica sua residência, afirmando ser da Ramadinha, periferia de Campina Grande, e dizendo que falou aquilo em virtude do preconceito sofrido por morar numa periferia, pois muitos tinham medo e achavam que ele seria algum criminoso. Isso nos remete à consideração que Goffman (2004) faz a respeito do estigma como identidades deterioradas, representando algo negativo na sociedade e, por isso, evitadas. O rapaz em questão optou por ocultar inicialmente uma informação crucial sobre sua pessoa: o lugar onde reside e justifica posteriormente qual o motivo que o levou a agir de tal forma: o receio de ser confundido com um criminoso, em meio a um preconceito comumente atrelado àqueles que advêm de uma periferia.

Nos jornais, a publicização de um caráter negativo relacionado ao bairro em questão também não é muito difícil de ser notado. Basta uma rápida verificada na plataforma do *youtube*, que iremos encontrar facilmente uma diversidade de notícias veiculadas por jornais locais ligadas à violência, drogas e intervenção policial.

A sensação de insegurança é verificada em diversos bairros da cidade, conforme nos mostra o Mapeamento da Violência Urbana em Campina Grande realizado em 2010 por Santos e Souza Júnior (2012). Tal estudo apontou, de acordo com levantamento de dados nos órgãos de segurança pública e pesquisas desenvolvidas junto aos moradores de Campina Grande, que o Pedregal encontra-se como um dos mais citados enquanto bairro considerado perigoso.

Para a maior parte dos jovens que entrevistei, o Pedregal não é um bairro perigoso, sendo um local onde se pode transitar tranquilamente, conversar nas calçadas, brincar na rua. Os relatos que me fizeram sobre violência estavam relacionados ao embate entre a Polícia e as duas principais gangues do bairro, onde, em algumas situações, existem confrontos e o maior medo da população se dá em razão das balas perdidas. Nádia me relata sua experiência de crescer no Pedregal e morar um tempo fora do bairro:

Eu moro aqui desde pequenininha, ai quando casei fui morar em outros bairros... Olhe, eu só pensava em voltar pra cá. Graças a Deus voltei, moro perto da minha família, dos meus amigos de infância, aqui tem escola pra minha filha que ano que vem entra, mercado, salão, tem tudo, eu amo o Pedregal, viu...

Como se vê, os jovens moradores do Pedregal têm consciência dos aspectos problemáticos do bairro, mas também consideram fortemente os aspectos positivos. Apesar de notar alguns pontos em comuns nas falas dos interlocutores, determinadas experiências não se repetem para todos, como me fala Márcio:

Eu nunca sofri preconceito por ser do Pedregal, não. Tenho vários amigos de vários bairros e quando chego atrás de emprego e digo que sou daqui, ninguém nunca me barrou ou fez uma cara feia não. Pode até ter um caso ou outro de outra pessoa ai...mas comigo não.

Ora, se é possível observar a gama de ideias que comumente é atrelada aos jovens, enquadrando-os enquanto seres “rebeldes”, “perigosos” ou transgressores, muitas vezes caindo em categorias reducionistas não só em outras áreas do conhecimento, mas dentro da própria Sociologia<sup>6</sup>, visualizar, então, esses indivíduos ligados à periferia – que também é alvo de estigmas, de identidades que devem ser evitadas da sociedade por estarem supostamente

---

<sup>6</sup>Lembrar que a categoria de juventude tomou grande espaço em consonância com o tema da delinquência desde os anos de 1920 nos estudos realizados pelo departamento de Sociologia da Escola de Chicago a respeito das *gangues*, em destaque os trabalhos desenvolvidos por Trasher (1927), a exemplo de *The Gang: A Study of 1,313 Gangs in Chicago*.

ligadas a algo negativo - com os olhos do senso comum, parece tornar ainda mais cruel essa relação para ambos os pólos envolvidos.

Pensar os jovens moradores da periferia é pensar os lugares sociais que estes indivíduos ocupam e também refletir acerca da relação do espaço com a cidade como um todo, inclusive no que concerne a uma dimensão de disputas variadas.

O estudo das periferias, na visão de Feltran (2010), é marcado principalmente por duas perspectivas de se analisar a questão da diferença: uma que recupera a noção de “periferia” do senso comum, e outra que pesquisa, dentro de uma relação de maior proximidade, os territórios e as populações circunscritos pelos discursos dominantes, destacando, assim, o papel do etnógrafo que reflete a respeito dos discursos e das práticas observadas na sua pesquisa de campo. Para este autor, o etnógrafo não deve dispensar as visões estereotipadas da “periferia”, posto que as mesmas se encontram presentes nos discursos e práticas daqueles que nasceram e cresceram nos territórios pesquisados; o que a etnografia possibilita, portanto, é expor o caráter analítico dessas questões. A presente pesquisa, nesse contexto, perpassa esse argumento, procurando levar em consideração a construção dos jovens moradores do Pedregal em relação a esse espaço em análise e em relação, também, ao restante da cidade.

O Pedregal é um lugar marcado por conflitos ligados ao tráfico de drogas, seja por embates entre os grupos rivais, seja destes com a Polícia. Em uma das incursões, Manoel me relatou sobre uma operação realizada há alguns anos pela Polícia para desarticular uma “boca” - lugar onde é fornecida droga – e me falou da tensão que se alastrou por alguns dias pelo bairro em virtude disso. Contou-me, ainda, sobre uma vez que estava sentado em frente a sua casa, mexendo no celular, e um suposto indivíduo de um dos grupos ligados ao tráfico passou com uma arma, como se estivesse atrás de alguém:

“Eu tava lá na frente de casa, mexendo no celular de boas, olhando a rua e tal, e passa um dos caras com uma arma, procurando alguém... Tava aquela coisa no bairro, né. Eu vi quando ele tava vindo, permaneci na minha, baixei a cabeça e fiquei mexendo no meu celular e pronto. É só você também ficar na sua que eles não fazem nada.”

Essa questão do tráfico é muito comum nos discursos dos jovens do Pedregal. É muito recorrente que este tema esteja presente no discurso das experiências dos moradores. O rapper Ramon costuma falar nas suas composições musicais sobre a vida da periferia. Em uma das suas músicas mais recentes, a letra e o videoclipe – gravado no Pedregal - falam de uma carga que vai chegar no bairro e todos se mobilizam para que ela chegue em segurança, para os “homi” não abortarem a “missão”. O videoclipe leva o espectador a acreditar que o que vem nessa carga é alguma droga. O próprio músico, no dia do lançamento do clipe me falou que todo mundo teria uma surpresa no final. A carga era uma caixa de cds e não de drogas como a maioria tinha imaginado. Essa música é interessante porque mostra a visão do artista e do morador, apontando alguns marcadores do bairro: “Dentro do canal, os moleque de touca ninja/ Dentro do posto os polícia tudo em cerveja (...) De longe sinto o cheiro, a poiva comendo, é o canal contra os peixeros”.

Quando da minha primeira incursão no Pedregal, como já relatei anteriormente, entrar no canal<sup>7</sup> foi um momento que me despertou receio pelo que eu já havia escutado a respeito. Conversando com Ramon e analisando a letra dessa música, vi que não se trata apenas de um pensamento preconceituoso sobre esse local; o canal é, de fato, marcado por esse aspecto de disputa territorial. Os meus interlocutores também me apontaram um divisor territorial de grupos rivais no bairro: a SAB, que fica, inclusive, atrás do Posto Policial.



**Foto 28** - Vista parcial do Canal do Pedregal. Foto Mariana Cavalcanti, 2015.

---

<sup>7</sup> O canal pode ser incluído na categoria de pórtico que, segundo Magnani (2008) é um lugar de passagem ou vazio para determinados grupos ou pessoas.

Ingrid, outra interlocutora, me falou sobre os problemas ligados ao embate de grupos rivais do Pedregal e como isso, desde sua infância, foi fator importante para que sua mãe nunca a deixasse sair para brincar nas ruas do bairro. Ela trabalha como manicure, prestando seu serviço na sua própria casa ou na casa do cliente; nesse sentido, me relatou que muitos dos seus clientes preferiam que ela fosse até suas casas pois se incomodavam em virtude desses estigmas de violência relacionados ao Pedregal. Reitero, entretanto, que nem todas as experiências têm os mesmos pesos para todos os moradores, pois na maioria das minhas incursões pelo bairro, era extremamente comum ver crianças brincando nas ruas e calçadas com aparente tranquilidade.

Frugóli (2005) destaca que muitas pesquisas recentes têm apontado no sentido de se falar em periferias, no plural, em virtude de aos inúmeros graus de consolidação dessas localidades no que diz respeito aos equipamentos coletivos urbanos disponíveis, ainda que seja comumente visível um considerável grau de precariedade. O autor também pontua que a heterogeneidade das periferias pode ser entendida como efeito da luta dos próprios moradores em busca de melhorias para o bairro.

No caso do Pedregal, é possível ver uma organização política de aspectos mais tradicionais, como a Sociedade dos Amigos do Bairro, a SAB, que promove cursos como arte, dança, artes marciais, além de buscar auxílios em diversos setores para os moradores do bairro, como alimentação. Também visualiza-se a emergência de novos atores sociais, como a Kainus (uma ONG ligada à Igreja Evangélica), cuja sede se encontra no bairro do Santa Rosa, mas que constantemente realiza parcerias com líderes comunitários do Pedregal, promovendo atividades para crianças e adolescentes, assim como artistas do bairro que se mobilizam para realizar atividades culturais como o Muda Pedregal<sup>8</sup> e shows abertos ao público, financiados com ajuda de parceiros artísticos e moradores do bairro.

---

<sup>8</sup> A primeira edição desse evento aconteceu em Dezembro de 2015 e contou com apresentações de música e dança, sorteios de brindes, atividades para crianças e adolescentes, oficinas, etc. Uma segunda edição está marcada para o mês de Fevereiro de 2016. Houve apoio do Governo Municipal e Estadual no fornecimento de palcos, contudo, a realização do evento foi promovida por artistas de Campina Grande, em sua maior parte, do Pedregal.

Dessa forma, é importante notar que a despeito da falta de investimento estatal, sobretudo no que diz respeito aos espaços públicos e de lazer no bairro do Pedregal, não falta criatividade da sua população em ocupar e ressignificar os espaços. A linha do trem, por exemplo, é um lugar muito aproveitado por jovens para soltar pipa devido a sua elevação no relevo e também para ver os jogos de futebol que acontecem no terreno que serve de campinho ao lado. Muitas crianças e adolescentes estão, todas as tardes, nesse lugar desfrutando momentos de lazer e diversão.



**Foto 29** – Linha do Trem no Pedregal. Foto: Mariana Cavalcanti, 2016



**Foto 30** - Jovens sentados na Linha do Trem. Foto: Mariana Cavalcanti, 2016.

Outro processo apontado por Frugóli (*idem, ib*), constantemente atrelado ao lugar social das periferias, é o tráfico de drogas, o que maximiza a violência urbana nesses locais. Além do já ressaltado aqui, vale destacar um evento de grande repercussão que aconteceu, em janeiro de 2016, já em vias finais da escrita desse texto e contou com a presença de centenas de pessoas: a Caminhada pela Paz. Esse acontecimento se deu em virtude de um acordo feito entre duas gangues conhecidas no bairro, chamadas “Peixeiros” e “Canal”<sup>9</sup>. Muitos conflitos por território que resultavam em mortes por embates diretos e por balas perdidas são atribuídos à rivalidade desses grupos. Esse evento foi promovido em conjunto por membros das Igrejas, artistas locais e membros das próprias gangues. Esse acordo de paz é resultado, segundo os interlocutores, de uma ordem de outro grupo de João Pessoa ascendente sobre os presentes no Pedregal.

Considero, portanto, o Pedregal não como um lugar marginalizado, no sentido de ser excluído da sociedade. A despeito das precariedades que podem ser visualizadas a depender de determinadas localidades do bairro, ele tem sido alvo de muitos grupos religiosos, sobretudo evangélicos, produtores culturais e pela Universidade, através de projetos de extensão ligados às artes e também pesquisadores das áreas de Saúde, Geografia e Ciências Sociais. A presença de práticas rurais e urbanas misturam-se na constituição do bairro, o que também pode levar a uma conformidade com o conceito de periferia. É possível ver automóveis cruzando com carroças de burro na mesma rua e animais como galinhas sendo criados nos quintais de casa.

Assim, o Pedregal pode estar inserido em um patamar desfavorável na hierarquia social no que concerne a alguns recursos e capitais materiais e simbólicos. Mas não se trata de um caso a ser classificado como socialmente excluído. Distinguir dimensões entre incluídas e excluídas da sociedade é ignorar o todo que a constitui com toda a sua dinâmica relacional. A exclusão que poderíamos falar aqui estaria mais vinculada à questão da participação em redes de decisões, sobretudo políticas. Contudo, isto ainda não implica um alheamento ao sistema que abarca toda a estrutura social.

---

<sup>9</sup> É comum referir-se ao grupo do “Canal” também por “Ratos”.





**Foto 31** - Cena cotidiana do Pedregal. Foto: Mariana Cavalcanti, 2015.



**Foto 32** - Quintal de uma casa no Pedregal. Foto: Mariana Cavalcanti, 2015.

A mídia local, entretanto, possui um papel crucial na difusão de uma cultura do medo, espetacularizando os eventos e selecionando aqueles considerados mais problemáticos e rentáveis para o mercado de notícias, o que, certamente, auxilia no processo de fortalecimento de determinados preconceitos atrelados ao bairro, inclusive numa disseminação dos enclaves fortificados (Caldeira, 1988) das redondezas do Pedregal. Dessa maneira, faz-se necessário

um aprofundamento sobre esses espaços a fim de mitigar estereótipos e descortinar nuances que os constituem em suas múltiplas dimensões.

## 2.2 Da Alemanha de Simmel ao circuito do Pedregal

Alguns autores das Ciências Sociais influenciaram fortemente o que hoje tomamos por Antropologia Urbana. Podemos citar como expoentes como Durkheim, Weber, Tönnies e Simmel. Os trabalhos desenvolvidos por estes autores davam-se no sentido de compreender as particularidades das sociedades modernas, onde as metrópoles industriais ocupavam um papel distinto (FRUGÓLI, 2005).

O sociólogo alemão Georg Simmel (1967), por exemplo, começa a observar as diferenças que delineiam aquela nova sociedade, apontando características entre o meio rural e o urbano e os novos modos de vida que despontam em meio ao contexto histórico em que ele vivia:

Com cada atravessar de rua, com o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. (1967, p.11)

Nesse sentido é que Simmel (*idem*) denomina a atitude blasé, que é uma postura onde o indivíduo que integra a vida da metrópole adota para sobreviver a própria conjuntura que a grande cidade oferece, diante da gama de informações, contradições e da lógica monetarista em que os processos sociais são pautados. Essa atitude difere do comportamento que o indivíduo leva na cidade pequena, onde uma vida mais pacata é verificada. O indivíduo da metrópole, segundo o autor (*idem*), “reage com a cabeça, ao invés do coração”, tendendo a “transformar o mundo num problema aritmético”.

Simmel, nesse contexto, também trabalha com a ideia de sociabilidade – muito importante e presente nos estudos da cidade. A sociedade para este autor

é uma rede de relações humanas situada num tempo e num espaço; esse processo de interação é determinado por alguns aspectos:

Essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades. Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. (SIMMEL, 2006, p.59-60)

Assim, ideias como estas contribuem marcadamente para o desenvolvimento de trabalhos da Escola de Chicago, que posteriormente, propõe o estudo de interação do indivíduo e da sociedade sob uma perspectiva da observação participante, de forma a privilegiar a inserção do pesquisador no universo pesquisado, possibilitando, portanto, uma compreensão das redes de relações entre os indivíduos.

Frugóli (2005) destaca que a noção de cultura delineada pela Escola de Chicago pode ser creditada especialmente a três autores: Park, que concebe a cidade como um campo de investigações da vida social; Wirth, que desenvolve a ideia de urbanismo enquanto modo de vida e Redfield, com seus estudos de comunidade que posteriormente desaguam nos processos de urbanização.

Outro nome importante para a compreensão dos estudos urbanos, sobretudo para refletir a respeito de um método advindo da antropologia sendo adotado nas pesquisas realizadas nos centros urbanos, é William Foote Whyte (2005). Este autor realizou uma etnografia em Little Italy, bairro localizado em Boston, Estados Unidos. Em seu livro chamado “Sociedade de Esquina”, ele discute não somente os fenômenos ligados à violência, organização e liderança, observados principalmente nas áreas consideradas pobres e marginalizadas da cidade, mas discorre também a respeito da própria postura do pesquisador em campo, demonstrando que o modo como o objeto e o problema de pesquisa são determinados perpassa as relações estabelecidas com os sujeitos do universo pesquisado. Essa obra, portanto, demarca um importante momento para a antropologia urbana, suscitando reflexões e questionando lições levantadas pelos sociólogos urbanos, especialmente os da Escola de Chicago.

A influência dos estudos urbanos chega ao Brasil em meados dos anos de 1980 com estudos que passam a ser encabeçados principalmente pelo Museu Nacional, no Rio de Janeiro e pela USP. Importantes figuras como Gilberto Velho, José Guilherme Magnani, Teresa Caldeira, entre muitos outros, contribuíram com estudos voltados à compreensão das formas que os indivíduos encontram para se relacionar com a fragmentação da metrópole e as consequências que esse processo traz. Muitos trabalhos sobre sociabilidades, usos dos espaços urbanos e, em destaque, as pesquisas realizadas nas periferias, que, na época, eram o foco das ciências sociais, ganharam espaço de discussão.

Magnani (2002) encaminha os esforços de suas pesquisas no sentido de analisar, principalmente, o lazer urbano. Um importante momento de sua trajetória enquanto acadêmico e antropólogo é quando seus estudos passam a privilegiar as figuras do jovens enquanto atores sociais observados nos espaços urbanos. Magnani defende a ideia da etnografia a fim de estudar os jovens nas suas variadas interações entre si e com a metrópole.

Se a materialidade dos espaços urbanos serve, então, como fonte de relações sociais (SANTOS, 2014) onde é possível a partilha de similaridades e diferenças, num entrelaçamento de interesses e conveniências, é justamente nesses espaços que resta viável a nossa análise da construção das juventudes, posto que partimos do pressuposto de que os jovens não se comportam homogeneamente. É nos espaços urbanos por onde circulam os jovens que será possível enxergar as relações que se empregam entre indivíduos e grupos. Neste sentido, Carrano e Fávero afirmam (2014) que:

A cidade é espaço pluridimensional no qual se entrecruzam as três dimensões do espaço social: o espaço concebido, o espaço vivido e o espaço percebido, como nos ensinou Henri Lefebvre. A cidade, então, pode ser concebida como uma grande rede de comunicação e práticas sociais que interpela os atores de diversas maneiras. As identidades juvenis se constituem em espaços-tempos de sociabilidades e práticas coletivas, colocam em jogos interesses em comum que dão sentido ao “estar junto” e ao “ser” dos grupos e também constitui o que se diferencia dos “outros”. Nos territórios usados pelas coletividades juvenis são elaborados espaços de autonomia que permitem a essas coletividades transformar os espaços previamente concebidos. (p. 13-14)

Nesse contexto, Magnani (2002) propõe estudar as cidades a partir de uma perspectiva “de perto e de dentro”, isto implica, para o autor, um esforço em enxergar a dinâmica urbana de um modo mais detalhista e, para tanto, observa que é nesse aspecto que a etnografia contribui para essa forma de conhecimento. A etnografia tem sido evocada por muito tempo a fim de analisar culturas distantes e personagens considerados exóticos, contudo, este autor afirma que o que importa ao olhar do etnógrafo é desconstruir os comportamentos considerados aprioristicamente como estranhos e perigosos, posto que seus significados são desconhecidos. Dessa forma, é proposto um conjunto de categorias a ser utilizado no estudo das cidades: pedaço, mancha, pórticos e circuitos. Os espaços se transformam, e “são as práticas sociais que dão significado ou ressignificam tais espaços, através de uma lógica que opera com muitos eixos de significação” (MAGNANI, 1996, p.39)

### 2.2.1 Entendendo as categorias – do trajeto ao circuito

A categoria englobante, para o presente estudo, é a de circuito, de forma que este, para Magnani (1996:45) “une estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários”. Nessa dinâmica, então, é proposto o estudo da articulação entre os comportamentos e os espaços (tomando como ponto de partida os lugares onde são observadas determinadas práticas, por exemplo “em casa” versus “fora de casa”), instituições e equipamentos urbanos, como ponto de ônibus, telefone público, armazém, farmácia, quadra de esportes etc, quando disponíveis. O circuito, ainda, é tecido por outras categorias como trajeto, pedaço, mancha e pórtico – tais categorias, como veremos mais a frente, foram de grande utilidade no sentido de identificar as sociabilidades dos jovens no Pedregal.

Dessa forma, Magnani (2007) realiza diversos estudos sobre jovens e seus circuitos, ressaltando, porém, que a pauta prioritária não se remete primordialmente ao consumo e estilos de expressão ligados à questão geracional (que é a ênfase da noção de *culturas juvenis*), bem como não procura

priorizar as ideias de fragmentação e nomadismo (ideias que se relacionam à teoria das *tribos urbanas*). Sua maior pretensão é analisar os espaços por onde circulam os atores, observando suas especificidades e também o seu espaço de interação, espaço este que não se reduz a mero cenário e sim, um produto da prática social acumulada desses agentes, bem como fonte de suas práticas.

Destaque-se, então, uma análise de dois segmentos: a juventude e os espaços urbanos. Para tanto, no caso do presente estudo, segui os atores sociais a fim de compreender, de perto e de dentro, a dinâmica dos jovens no Pedregal. Ressalto que privilegiei uma dimensão ligada ao lazer, sobretudo observando os usos dos espaços no bairro, as significações dadas por seus atores e as sociabilidades ali desenvolvidas. Dessa forma, o objetivo foi reconhecer os jovens em sua gama de interações entre si, com outros grupos, com os espaços urbanos e como eles utilizam e (res)significam-no, constatando, assim, possíveis elementos que nos apontem para a construção e desdobramentos de juventudes no bairro em questão.

A ideia de estudar o circuito e as demais categorias que aquele engloba dá-se no sentido de delinear e analisar a variedade de “mundos” que coabitam o espaço, de forma que este pode ser ressignificado de diferentes formas por diferentes indivíduos e grupos. Essa diversidade é melhor compreendida por aqueles que se encontram inseridos no circuito, além de que é também possível observar que os códigos visualizados possuem contradições, sendo incorporados de variadas maneiras. Assim, apenas observando “de perto e de dentro” desses circuitos e compartilhando das experiências daqueles que aí se integram é que podemos chegar próximo de compreender os aspectos internos e as relações com os outros grupos.

Em meio a esse mundo heterogêneo de experiências dos indivíduos entre si e com os espaços urbanos, busca-se, assim, identificar as regularidades no uso do espaço urbano e dos comportamentos que são verificados aí. O segmento que nos interessa, para tanto, é o dos jovens. Magnani (2007) destaca que a base dos seus estudos sobre sociabilidades urbanas encontra-se na reflexão sobre a necessidade de se recortar e diferenciar uma antropologia urbana no interior da expressão “antropologia das sociedades complexas”:

A ideia era levar em contar tanto os atores com suas especificidades quanto o espaço com o qual interagem – mas não na qualidade de mero cenário e sim como produto da prática acumulada desses agentes, e também como fator de determinação de suas práticas, constituindo, assim, a garantia (visível, pública) de sua inserção no espaço (p.19)

Podemos citar, a título de exemplo, alguns estudos desenvolvidos pelo Núcleo de Antropologia Urbana – NAU da Universidade de São Paulo, a USP, que envolvem a etnografia urbana nas pesquisas com jovens. No livro organizado por Magnani (2007), intitulado *Jovens na Metrópole*, os pesquisadores do núcleo divulgam suas pesquisas com jovens na cidade de São Paulo, lançando mão dos conceitos de pedaço, mancha, trajetos e circuitos e verificando-os na prática, como é o caso do artigo sobre os *Straightedges* – nesse texto, Souza (2007) discute como um grupo de jovens que se denomina enquanto *straightedges* tecem suas redes de interação e também de conflito em alguns espaços urbanos eleitos por eles como locais de permanência ou passagem de acordo com a filosofia de vida adotada pelos sujeitos e que, assim, compõem o circuito desse grupo; aborda, ainda, a interrelação que esse grupo mantém com outros grupos que não possuem exatamente os mesmos comportamentos, mas que, em alguns aspectos, encontram denominadores comuns, fazendo com que se apropriem e ocupem os mesmos espaços, gerando, assim, sociabilidades amistosas ou conflitivas:

Muitos pontos desse circuito, entretanto, não são exclusivos dos *straight edges*, o que propicia encontros e trocas dos mais diversos tipos. Ao frequentar restaurantes vegetarianos, por exemplo, dividem o espaço com pessoas da “geração saúde”, que adotam esse tipo de dieta por motivos de saúde ou estética, e com adventistas, espíritas e *hare krishnas*, que o fazem por motivos religiosos. Já o interesse pelo bem-estar dos animais os desloca em direção a instituições e manifestações nas quais se encontram ativistas de grupos protetores aos direitos dos animais, ambientalistas ou simplesmente “pessoas que amam os animais”. O gosto pela música os leva ao contato com roqueiros em geral (...) ou apreciadores de hip-hop, como quando vão às grandes galerias. O interesse pela política faz com que partilhem espaços com militantes comunistas, anarquistas e anti-capitalistas de diferentes gerações e orientações (*idem, ib, p.29*)

Rumstain (2007) ao estudar as mudanças de comportamentos de religiosos, principalmente os evangélicos, nota que os padrões de gosto, estilo

de vida e uso do tempo livre sofreram transformações, estas intensificadas sobretudo com o chamado movimento gospel. Dessa forma, a autora analisa como o circuito dos jovens evangélicos delineiam-se na cena urbana, observando como pontos “sagrados” revestem-se de características mundanas e vice-versa e definindo o circuito gospel como uma rede ampla que congrega esses pontos e é organizada por músicos que buscam lugares para a realização das reuniões dos jovens evangélicos:

Seja no centro ou na periferia, jovens das mais diferentes denominações evangélicas circulam de igreja em igreja buscando eventos e shows gospel organizados pelas mais diferentes instituições religiosas, ainda que a Igreja Renascer, e a Sara Nossa Terra sejam referências mais significativas. É comum num evento se informar a respeito de atividades que acontecerão em outras localidades, no decorrer da semana ou do mês. Os que frequentam, por exemplo, a Noite de Johnny às quartas-feiras, também podem assistir aos shows da Comunidade Zadoque aos sábados, frequentar os cultos para jovens em suas respectivas igrejas no decorrer da semana e, ainda, acompanhar os lançamentos de CDs e os shows realizados durante o mês. (...) São trajetos possíveis no interior de um circuito mais abrangente e regular. (p.141-142)

Artigos mais recentes publicados na revista eletrônica do NAU, a Ponto Urbe, mostram que os conceitos trabalhados por Magnani e seu grupo não constituem um rol exaustivo de categorias a serem observadas nos espaços urbanos. Tais categorias são constantemente revisitadas, comprovando sua pertinência devido a seu caráter flexível e propositor de novas configurações, além de sua relação com categorias nativas. Podemos citar, também, o trabalho de Moraes (2014) sobre o circuito de trocas de favores entre adeptos do *black metal*, onde existe uma reflexão sobre a pertinência da etnografia, a partir da compreensão de que são os sujeitos de carne e osso que moldam paisagens de concreto e aço.

Magnani (2015) em recente artigo intitulado “O circuito: proposta de delimitação da categoria”, revisita seus trabalhos e dos pesquisadores do NAU e observa, por exemplo, que em determinados casos, é possível constatar categoria como a de “sub-circuito”, englobado pelo circuito principal e propõe, ainda, uma nova configuração na definição de circuito, onde, para além do elemento espacial, agora, considere-se, também, o elemento temporal; nesse



mesmo artigo, o autor, sugere também que as categorias sejam experimentadas no âmbito da internet, nos entremeios dos mundos *on* e *off*.

Dessa forma, esse autor destaca a cidade como de grande relevância no sentido de compreender que suas dimensões, seja no uso, nas formas de mobilidade e diversidade de pontos de encontro, oportunidades de trabalho, estudo etc., vão apontar campos de trocas que se delineiam em maior ou menor grau. Esses elementos constroem e marcam identidades onde são admitidas por aqueles que estão inseridos em determinada dinâmica e apresentadas para os que aí não estão. Então, “identificar os pedaços, os circuitos, os trajetos que constituem diversas modulações ou gradações do espaço público onde se pode constituir a construção de múltiplas identidades” (MAGNANI, 2009. p. 20) faz-se relevante para a presente pesquisa, no sentido de apreender as tessituras das juventudes no Pedregal.

### **2.2.2 Alguns circuitos no Pedregal**

Como foi ressaltado, a categoria de circuito, sendo a mais ampla, engloba outras categorias como a de trajeto, pedaço, mancha e pórtico, além de abrir caminhos para a constatação de outras. Essas categorias são importantes porque possibilitam visualizar com mais amplitude as relações sociais dos jovens, apontando para a construção de juventudes em determinados pedaços da cidade.

A categoria de trajeto permite uma condução do observador aos diversos deslocamentos por outros pedaços da cidade, além de encarar o objeto de estudo de forma mais aberta, fugindo da ideia de que o mesmo se constitua enquanto unidade fechada e autocentrada (MAGNANI, 2000). Um lugar onde pude encontrar algumas vezes os jovens do bairro foi no Parque da Criança, no qual eles se encontravam com amigos de outros bairros e sentavam na grama e nas mesinhas para lanchar, conversar e aproveitar o cenário arborizado do local para tirar algumas fotos.

A abertura que possibilita os trajetos para lugares além do bairro desdobra-se na ideia da mancha. Um exemplo que podemos tomar é o das Igrejas no Pedregal: estas recebem pessoas também de outros bairros que marcam reuniões em outros lugares da cidade, o que agrega uma diversidade

de moradores de outras localidades, mas direcionados a um ponto comum da cidade a fim de fazer uso de um determinado local ou equipamento que não é oferecido (ou não é interessante para eles) dentro do próprio Pedregal. Essa abertura que a mancha apresenta recai, portanto, em outras lógicas que nem sempre são observadas em determinado pedaço, de forma que sua base física é mais ampla e abarca, assim, grupos e indivíduos que vêm de diversas localidades.

O pedaço serve como “ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações” (MAGNANI, 1996. p. 13). Nesse espaço podemos perceber a constituição do cotidiano, o “resultado de práticas coletivas (entre as quais de lazer) e condição para o seu exercício e fruição” (*idem, ib*). Na condição de pesquisadora e “estrangeira”, no Pedregal, senti com facilidade o que é não pertencer ao pedaço: as pessoas olhavam-me, cochichavam e as mais desinibidas puxavam papo para perguntar quem eu era. E eu, justamente por essa condição, também procurei agir de maneira cautelosa, a fim de, eventualmente, não descumprir o código daquele espaço.

Um dos momentos em que me senti aceita no pedaço, foi quando, já um tempo depois de iniciada a pesquisa de campo, em um passeio com as meninas, duas delas deram-me os braços para eu fechar a rua com elas, isto é, formar uma espécie de frente onde todas elas andam lado a lado (explico melhor no próximo capítulo essa questão). Essa prática é comum entre as jovens garotas que passeiam pelas ruas do Pedregal. A proximidade dos braços dá um tom de cumplicidade e possibilita cochichos sobre o movimento da rua e, principalmente, sobre os “moídos” – paqueras ou flertes – que se desenrolam em meio a essas caminhadas pelo bairro.

O Pedregal também é ponto dos trajetos de jovens que vêm de outros bairros como Bodocongó, Jeremias e Centenário. Principalmente os meninos encontram-se em determinadas ruas do bairro ou em lotes que servem de campinho para os famosos rachas ou peladas. Um desses campinhos e o que pude perceber mais regularidade na movimentação dos jovens fica situado ao lado da linha do trem, bem próximo ao bairro de Bodocongó. Esse local é ocupado durante o dia por jovens que aproveitam a altitude elevada do espaço para soltar pipas, além de conversar e assistir aos jogos de futebol; já durante a

noite, a linha do trem e o campinho figuram enquanto pórticos, isto  , lugares de passagem, com raro movimento. A lógica temporal   constatada aqui como fator de ressignificação de um espaço por seus atores sociais: o espaço que   pórtico   noite, de dia   um pedaço extremamente ocupado e significado.



**Foto 33** - Jovens jogando futebol da rua. Foto: Mariana Cavalcanti, 2016.



**Foto 34** - Jovens soltando pipa na linha do trem. Foto: Mariana Cavalcanti, 2016.



**Foto 35** - Jovens jogando futebol no campinho ao lado da linha do trem. Foto: Mariana Cavalcanti, 2016.

Jovens evangélicos, como observado na presente pesquisa, ativos nos eventos da sua igreja como cantores de rap e evangelizadores, participam também de eventos musicais de hip-hop nas periferias da cidade, onde nem sempre compartilham de todos os comportamentos e ideias de outras pessoas que também frequentam o espaço estão presentes igualmente em manifestações políticas e se organizam nas redes sociais a fim de promover sua música, estabelecem parcerias com músicos de outros gêneros musicais para reforçar uma rede de artistas independentes.

As categorias são atravessadas umas pelas outras, de modo que nem sempre é uma tarefa fácil estabelecer um recorte muito restrito de práticas e atores sociais. No entanto, esses espaços, à medida que são compreendidos, devem abrir caminhos justamente para a apreensão de uma dinâmica maior onde há entrelaçamentos. No caso do Pedregal, nós temos um espaço rico em diversidade de práticas e atores: os jovens figuram uma interessante rede de sociabilidades.

Nas minhas incursões, fui percebendo práticas recorrentes dentro do grupo com o qual mais me aproximei. As meninas gostavam de ficar nas calçadas e de passear nas ruas, a maioria a pé. Os meninos também ficavam nas calçadas, mas quando passeavam, preferiam estar sob duas rodas, apontando um aspecto de poder relacionado à posse desses automóveis. As

casas que os jovens escolhiam, entre as várias dos moradores dos grupos, como ponto de encontro, geralmente eram aquelas que possuíam sinal de rede WiFi. A padaria e o supermercado da Rua Santa Luzia, principalmente à noite, que estavam fechados, também serviam de ponto de encontro dos jovens para aproveitar o sinal de internet.

Nessas calçadas, que ficam principalmente nas imediações das Ruas São Vicente, Santa Luzia e São Francisco, os jovens batem papo “face a face” e também pelo celular, nos aplicativos do *WhatsApp* e *Facebook*; compartilham entre si músicas e vídeos e algumas vezes bebem cerveja, cachaça ou energético. Os grupos mais fixos nessas reuniões são compostos em sua maioria por meninos. A presença das meninas também é visualizada, entretanto, é mais comum que elas estejam caminhando a pé, passando na casa de uma ou outra amiga, observando a trama que constitui diariamente o cotidiano do bairro. Os meninos, na sua grande maioria, passeiam pelas mesmas ruas que as meninas e também param nas calçadas onde os jovens se reúnem.

É interessante notar que esses encontros nas calçadas promovem sociabilidades, ditas no sentido mais “concreto” do “cara a cara”, mas também acontecem em virtude da internet. Há um entrelaçamento de redes, se pensarmos os relacionamentos “visíveis” e os “invisíveis” naquele momento imediato, cada qual conectado com sua rede virtual de amigos e conhecidos. Percebe-se, assim, que apesar dos jovens estarem inseridos em uma lógica mais tradicional de ocupar as calçadas e interagirem nesses espaços, eles também incorporam práticas comuns dos tempos atuais. Uma não exclui a outra.

“Bom mesmo era quando tinha Muvucão”, me diz Nádia, explicando-me que esse evento era uma grande reunião de carros de som e pessoas que bebiam e dançavam, principalmente *funk*, na Rua São Vicente. “Era tanta gente que você não dava conta de passar. Vinha gente de todo bairro que você pensar aí. Ave Maria, era bom demais, só tu vendo”. Durante a pesquisa não presenciei nenhum Muvucão; talvez o que mais tenha se aproximado deste foi um show promovido por alguns artistas do bairro, onde pude perceber alguns carros de som e muitas pessoas. Mas não estava tão animado quando o Muvucão, não estava “bombando”, segundo Nádia. Por causa do barulho dos sons e de brigas, o Muvucão parou de acontecer por um tempo; em Janeiro de 2016, eles começaram a ocorrer novamente em virtude de uma “nova fase” vivida pelo

Pedregal, consequência do acordo de paz entre os grupos rivais que citei anteriormente.

Nessas caminhadas, conversas de calçada e passeios de moto, percebi uma troca constante de brincadeiras e piadas entre os conhecidos, muitos “moídos” – o jogo da paquera e da sedução entre os jovens que não se encontra dentro de uma lógica de formalidade, mas sobretudo de brincadeira, tornando esse tipo de relação uma prática leve e divertida entre eles. Esses moídos são flertes que despertam risos e pequenos constrangimentos e que tiram os jovens de suas casas. “Oi princesa, como você está?” Pergunta um conhecido de Milena que passa de moto ao lado dela. “Tô aqui andando, tá vendo não?”, ela responde prontamente. O outro menino que estava na garupa da moto fala “Eita, porra! Valeu!”. Todos saem gargalhando e Suzana, segurada em meu braço fala: “Tá vendo, é bom demais essa resenha. O bom mesmo é essa arriação!”.

Aos poucos eu fui percebendo o que os jovens com que tive contato tentavam me apresentar: o circuito da “resenha”, da “arriação” - da diversão e dos flertes que estavam nas calçadas, nas redes sociais, nas motos e nas caminhadas, simultaneamente. Esses espaços permitem-nos reconhecer tais práticas e, assim, o cotidiano dos jovens que se inserem nessas redes de sociabilidade. O que essa perspectiva agrega ao estudo das juventudes está no fato de possibilitar uma compreensão desses indivíduos na trama que tece o seu dia-a-dia.

### 3 “O BOM É A ARRIAÇÃO – SOCIABILIDADES DE JOVENS NO PEDREGAL

A definição do conceito de sociabilidade passa por tensões entre várias compreensões possíveis, sobretudo no sentido de sintetizar as tradições sociológicas e antropológicas. Frugóli (2007) busca em sua obra “Sociabilidade Urbana”, amenizar, ou melhor, tornar mais claro esse processo diverso de conceituações mostrando-nos a trajetória dos estudos sobre sociabilidade urbana.

O autor destaca como um importante ponto de partida a obra de Simmel, onde as ideias de cidade moderna e sociabilidade são privilegiadas a fim de traçar uma análise da sociedade que tem a ver com o contexto sócio-histórico que o sociólogo alemão vivia. Para Simmel, dentro da organização delineada pela experiência humana – isto é, a sociedade – ocorrem, entre os indivíduos, trocas e interações que vão particularizando os processos de associação. Vandenberghe, segundo Frugóli (*idem*), classifica o pensamento simmeliano como “relacionismo ontológico”, onde nem sociedade nem indivíduo são reais, a não ser por suas implicações recíprocas.

Dessa forma, o conceito de sociabilidade é criado por Simmel, sendo retomado pela Escola de Chicago e relido por outras disciplinas, especialmente pela Antropologia, que dá sua contribuição à discussão a partir de uma perspectiva etnográfica, posto que lida com as pessoas por meio da própria interação e descreve regras e princípios constitutivos das relações cotidianas.

Frugóli (*idem*) fecha seu trabalho considerando que, segundo o entendimento de Simmel, deve haver uma problematização do conceito de sociedade num plano holístico e supra-individual; e aponta, ainda, que a ênfase no indivíduo não atomiza essa discussão, mas sim procura destacar uma preocupação com o aspecto relacional e situacional que os arranjos interacionais possuem na própria criação e dissolução dos vínculos sociais.

Dessa forma, percebemos que a contribuição da Antropologia ao debate sobre sociabilidade enriquece-o no sentido de proporcionar uma reflexão a partir de um viés etnográfico, possibilitando uma abertura importante à análise por

meio da interação com os indivíduos e observando como as relações se constituem, edificam ou dissolvem outras sociabilidades.

Quando o termo “arriação” foi apresentado a mim, procurei compreender o que de fato significava essa expressão. Perguntei aos meus interlocutores o que eles entendiam por “arriação” e muitos davam exemplos diversos que constituíam essa prática coletiva.

“Ah, a arriação é sair fazendo piada. Subir na moto com os meninos e ficar tirando onda, dançando, gritando...”

“É resenhar com as meninas, passar e tirar onda, elas respondem, dão um fora às vezes, aí o amigo tira onda com você”

“Sabe quando é bom mesmo a arriação? Ah, minha filha, é em época de eleição! Minha amiga, o bairro inteiro fica bom demais, a gente fica o dia todinho na rua olhando os muídos, morrendo de rir, tem briga, confusão, cada coisa engraçada... tem muita música também, festa na rua, a gente vai dançar, curtir...”

A medida que fui etnografando esta pesquisa, pude apreender em certa medida o que é a arriação: trata-se de uma prática que, na maioria das vezes, está ligada a um momento de diversão, sobretudo entre os jovens, e que envolve, por meio de paqueras e piadas, eventos de aproximação, mas também de distanciamento.

Através da arriação, meninos e meninas se aproximam, fazem amizades e paqueram. Dirigem uma piada, uma brincadeira, ao outro e, por vezes, são correspondidos com outras piadas, risadas e frases que indicam uma abertura ou não. Por vezes, essas brincadeiras também ultrapassam os limites aceitos por alguns indivíduos ou grupos que rebatem com piadas e frases mais “pesadas”, podendo gerar alguns conflitos.

É comum, por exemplo, que uma pessoa do mesmo grupo se envolva com um ex-namorado ou alguém com quem alguém do grupo já se envolveu afetivamente. Essa situação geralmente está imersa na prática da arriação, não



havendo em todos os casos confrontos por isso. Entretanto, em algumas ocasiões, a arriação gera conflitos que distanciam os membros do grupo. Um caso para ilustrar o que coloco aqui se deu em um evento onde uma das meninas havia ficado com um ex-namorado de uma amiga e esta ficou um pouco chateada e chamou a amiga de “fura olho”. A amiga rebateu juntamente com outros jovens fazendo piadas sobre outros casos afetivos que a menina tivera, chegando a encenar uma espécie de “jornal” onde os jovens relatavam estes casos. Essa situação fez com que a menina se afastasse de alguns amigos por entender que a arriação havia passado dos limites, sentindo-se exposta não só dentro do seu grupo de amizades mas também nos outros grupos do colégio onde estudava.

### 3.1 Pensando as Juventudes

Temáticas variadas que se referem à juventude enchem as pautas das mais diversas áreas de estudo: medicina, psicologia, direito, entre outras, no sentido de estabelecer um discurso onde nem sempre levam em conta aspectos mais dinâmicos de um ser considerado jovem, tomando e reproduzindo como verdade uma conceituação fechada e desvencilhada do diálogo entre as ciências (principalmente aquelas de caráter humanista).

É sobretudo no discurso médico que podemos encontrar definições biológicas que caracterizam o indivíduo enquanto pertencente a uma certa fase da vida – a adolescência, ou juventude (assim também com a infância, a fase adulta e a velhice). Tal discurso, por, aparentemente, estar ancorado somente nas ciências exatas e naturais, legitima não só muitas decisões no âmbito de políticas públicas, como exerce controle sobre outros panoramas, como se não estivesse envolto e não acompanhasse em certo grau os passos da moralidade de uma determinada sociedade.<sup>10</sup>

Ariès (1978) afirma em sua obra “História Social da Criança e da Família” que a infância foi historicamente construída, que as preocupações que a nossa sociedade atualmente possui para com esse público, não existiam na civilização

---

<sup>10</sup>Foucault afirma que a medicina é uma estratégia biopolítica, ocorrendo controle da sociedade não somente a partir da consciência ou da ideologia, mas começando mesmo pelo plano corporal. Para maior aprofundamento nessa discussão, ver “O nascimento da medicina social” in *Microfísica do Poder*, de Michel Foucault (2013).

medieval, pois assim que a criança era desmamada, tornava-se companheira natural do adulto. Essa fase surgiu com real intensidade como expressão de um “sentimento de família” e um reaparecimento, ambos na Idade Moderna, da preocupação com a educação, pois acreditava-se que os indivíduos nessa fase não estavam preparados para a vida adulta, devendo, portanto, ficar separados por um tempo em instituições escolares.

A juventude como conhecemos atualmente é, segundo Reguillo (2000), uma invenção do pós-guerra, pois, a sociedade que surgia com a nova ordem mundial, reivindicava a existência das crianças e dos jovens como sujeitos de direito, principalmente no caso dos jovens, como sujeitos aptos a figurarem no universo do consumo. A autora cita o historiador Eric Hobsbawn (1995; p. 331), o qual afirma que

a cultura juvenil se converteu na matriz da revolução cultural do século XX, visível nos comportamentos e costumes, mas principalmente no modo de dispor do ócio, que passaria a configurar cada vez mais o ambiente que respiravam os homens e mulheres urbanos (*idem*)

Nesse contexto, Reguillo (2000) assinala que na última metade do século XX, as implicações econômicas, culturais e jurídicas tornam os jovens mais visíveis, suscitando, portanto, uma reflexão acerca da idade. Esta passa, segundo a autora, a abranger significados diferentes em diferentes sociedades e até mesmo dentro de uma mesma sociedade, conformando-se, dessa forma, em um importante referencial, no entanto, sem um caráter unívoco. O ponto central é privilegiar uma abordagem relacional em detrimento de uma perspectiva que busca essencializar a idade.

Nesse sentido, muito se propaga, principalmente no senso comum, que a juventude é uma unidade social, isto é, que seus membros fazem parte de um grupo homogêneo, naturalizando, portanto, os comportamentos dos jovens. O sistema capitalista, de um modo geral, se apropria dessa categoria oferecendo produtos específicos para esse público e, principalmente, a mídia, em que pese a brasileira, tem exercido um importante papel na massificação da ideia do jovem relacionado aos “problemas sociais” como violência, crime, exploração sexual, drogação, ou as medidas para dirimir ou combater tais problemas (ABRAMO, 2007).

Ainda em relação à mídia, destacamos que existe um forte apelo a essa juventude enquanto um tipo de problema social, ligado sobretudo às classes menos favorecidas, as quais, quase sempre, são relacionadas às favelas brasileiras, selecionando e reservando, assim, à uma juventude necessariamente inserida em uma definição espacial, o caráter de problemática. Tal fato pode ser facilmente percebido por nós em programas de cunho policialesco. Um outro lado notável na mídia é aquele que destaca o público jovem como expressão de modernidade, enfatizando o consumo, as novas tecnologias e estilos de vida.

Abramo (*idem*) ainda destaca que no próprio ambiente acadêmico é notória a preocupação em estudar questões envolvendo a relação entre juventude e instituições escolares, família ou sistemas jurídicos e penais, enfatizando uma ideia de risco ou vulnerabilidade desses indivíduos, sendo recentes os trabalhos realizados no sentido de considerar “os próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação” (*ibidem*, p. 74). Pais (1990) também chama atenção para o cuidado dos trabalhos sociológicos em não reproduzir o senso difundido pela mídia:

Alguns dos mais afamados trabalhos da sociologia da juventude, em vez de se basearem em observações directas, funcionam, de certo modo, como “caixas de ressonância” do media, acabando os estilos mais badalados das culturas juvenis por serem tomados como indiscutíveis e mesmo dominantes. A realidade poderá ser diferente. Para a ela chegar, torna-se contudo necessário penetrar nos meandros dos quotidianos dos jovens. Finalmente, nalguns media é possível encontrar uma imagem das culturas juvenis retratada como “ameaçadora” para a sociedade. Paradoxo dos paradoxos, essa imagem pode ser alimentada ou caucionada por análises sociológicas centradas nos mais “espectaculares” aspectos da “cultura juvenil”, que, justamente, são os que mais interessam aos media (*ibidem*, p.145)

Nesse sentido, a discussão em relação à juventude, especialmente no tocante aos esforços das ciências sociais, passa a apontar para uma perspectiva empírica onde se procura observar os jovens a partir de suas interações e configurações, permitindo compreender a diversidade que cabe na categoria “jovens”, saindo, assim, de uma essencialização da idade, do jovem como um dado posto (REGUILLO, 2000).

Podemos elencar como ponto de partida o questionamento do que vem a ser a juventude. Será que de fato é possível procedermos com uma definição mais ou menos fechada a respeito dessa categoria? A própria Sociologia da Juventude se divide consideravelmente em suas concepções e críticas. A medicina, a psicologia, a pedagogia, entre outras áreas procuram delimitar essa categoria a partir de uma ideia de faixa etária, transformações biológicas e psíquicas, necessidades educacionais e entrada no mercado de trabalho. É viável, assim, concebermos a juventude enquanto unidade homogênea ou seria mais apropriado falarmos em *juventudes*?

Para efeito de desenvolvimento de políticas públicas e programas específicos em nosso país, a Secretaria Nacional de Juventude define “jovem” o indivíduo cuja idade vai de 15 a 29 anos.<sup>11</sup> Já para a Organização das Nações Unidas, essa idade vai de 15 a 24 anos. Nas últimas décadas notou-se um aumento tanto na preocupação em destinar programas voltados para o público jovem, bem como do interesse acadêmico em estudá-lo. Essa atenção foi observada sobretudo em meados da década de 1980, com a declaração do Ano Internacional da Criança e da Juventude e se dava em virtude dos jovens encontrarem-se, em sua maioria, nos países subdesenvolvidos, e serem vistos como indivíduos vulneráveis ou potenciais seres violentos e contestadores devido a essa fase específica da vida (FRAGA; IULIANELLI, 2003: 10).

As Ciências Sociais buscam dar sua colaboração na compreensão dessa categoria, sendo em alguma medida, tema controverso. Groppo (2000) afirma que no que tange à conceituação do seu objeto, a Sociologia da Juventude tem sua mais fraca contribuição, pois as definições que perpassam esse campo de estudo tendem a encontra-se em duas vertentes: uma que concebe a juventude a partir de um critério etário e outra a partir do critério sócio-cultural. Esse autor critica os reducionismos e o extremo relativismo em que tais perspectivas podem recair, sugerindo, assim, como alternativa, acompanhar as metamorfoses dos significados e vivências sociais da juventude enquanto recurso iluminador para a compreensão das mudanças da própria modernidade, levando em consideração o que tanto o critério etário quanto o critério sócio-cultural nos oferecem na busca do reconhecimento das nuances dessa categoria.

---

<sup>11</sup> Segundo definição incluída no marco legal da Secretaria Nacional de Juventude (Ar. 1º, § 1º do Estatuto da Juventude (disponível em <http://www.secretariageral.gov.br/Juventude>)

Pais (1990, p.140) apresenta como questão central da Sociologia da Juventude a exploração “não somente das possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos sociais de jovens, mas também (e principalmente) as diferenças sociais que entre eles existem”. Este autor também demonstra como a categoria de juventude ganhou visibilidade para as Ciências Sociais em virtude de movimentos estudantis nas décadas de 1960 e 1970 e também devido a problemas sociais relacionados à delinquência, questionando, assim, “em que medida os problemas sociais não arrastarão, ou, melhor, não contaminarão as próprias problemáticas sociológicas” e se “sentirão os jovens estes problemas sociais como os seus problemas? (*ibidem*, p.144)

Como já foi dito, observamos principalmente duas vertentes que objetivam explicar a noção de juventude, uma onde seu aporte está no critério etário, a chamada *Corrente Geracional* e na qual é possível destacar o Funcionalismo. Este tende a considerar as discontinuidades intergeracionais enquanto “disfunções” nos processos de socialização. Esta corrente também leva em conta a existência de uma cultura juvenil, isto é, uma cultura em oposição às culturas de outras gerações; os jovens são socializados segundo normas e valores dominantes entre as gerações mais velhas. A *Corrente Geracional* despreza os jovens enquanto membros de uma classe social, considerando-os principalmente membros de uma geração.

Em contrapartida, a *Corrente Classista* procura pensar a reprodução social vista sobretudo no sentido de reprodução de classes sociais, criticando, portanto, os trabalhos que visualizem a juventude como uma fase de vida, e, de um modo geral, critica a própria categoria de juventude, uma vez que estaria inserida numa dominação de relações de classe. Esta corrente admite as culturas juvenis como sendo sempre culturas de classe, e, mais, culturas de resistência. Assim, as culturas que não se encaixem nesta ideia, acaba por ser um tanto descartada do interesse da corrente classista.

Pais (1990) tece críticas a essas duas correntes, afirmando que, no caso da corrente geracional, ao se olhar a juventude como entidade homogênea, podemos cair no reducionismo de se tomar, por exemplo, ao estudar comportamentos desviantes dos jovens, toda a juventude como “marginal”. Já em relação à corrente classista, o autor afirma que esta apresenta dificuldade em explicar o fenômeno da coalescência de jovens de diferentes condições

sociais a valores relativamente semelhantes. Diante do apresentado, Pais (*ibidem*, p.164) afirma que:

Torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir dos seus contextos vivenciais, quotidianos – porque é quotidianamente, isto é, no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e acção.

Conforme a ideia acima defendida por Pais (*idem*), observamos que o uso da etnografia pode ser relevante em nos auxiliar a compreender como os jovens constroem suas interações e se apresentam no espaço urbano. Assim, a vivência com esses atores é necessária para a nossa pesquisa, a fim de compreender a complexidade do nosso objeto de estudo, visualizando esse “mundo” de uma maneira mais descentrada com apoio das teorias aqui sugeridas.

Nota-se, então, a necessidade de analisar essas questões para além das perspectivas atomizadas, verificando, portanto, a atuação dos sujeitos a partir dos seus corpos e também das suas vivências cotidianas. Tomando, assim, a sugestão de estudar os jovens em seu contexto com o intuito de compreender os significados compartilhados entre os mesmos, encontramos em Berger e Luckmann (2004) um ponto crucial para procedermos com nossa análise pelo caminho até aqui traçado. Este autor afirma:

Experimento a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente. A mais próxima de mim é a zona da vida cotidiana diretamente acessível à minha manipulação corporal. Esta zona contém o mundo que está ao meu alcance, o mundo em que atuo a fim de modificar a realidade dele, ou o mundo em que trabalho. (*ibidem*, p.39)

Para este autor, a realidade cotidiana é, por excelência, a realidade, visto que se trata daquela que podemos ter contato direto e é passível de manipulação. Sendo assim, é nessa realidade onde é possível observar a interação social enquanto fonte de produção do ser humano em sociedade; o homem, para Berger e Luckmann (*ibidem*, p. 74), se produz a si mesmo e esta

autoprodução é sempre necessariamente um empreendimento social. Para justificar melhor sua teoria, os autores (*idem*) também afirmam:

Os pressupostos genéticos do eu são, está claro, dados no nascimento. Mas o eu tal como é experimentado mais tarde como uma identidade subjetiva e objetivamente reconhecível, não é. Os mesmos processos sociais que determinam a constituição do organismo produzem o eu em sua forma particular, culturalmente relativa. O caráter do eu como produto social não se limita à configuração particular que o indivíduo identifica como sendo ele mesmo, mas como equipamento psicológico amplo que serve de complemento a essa particular configuração. Não é preciso dizer, portanto, que o organismo e, ainda mais, o eu não podem ser devidamente compreendidos fora do particular contexto social em que foram formados. (*idem*)

Percebe-se que o autor não exclui a existência de uma influência de carga biopsicológica, mas atenta para um entendimento do “eu” enquanto membro de uma rede de intersubjetividade, um mundo onde o indivíduo participa juntamente com outros indivíduos. Assim, essa noção encontra-se em consonância na busca de uma alternativa que visualize a categoria da juventude fora dos aspectos reducionistas a uma faixa etária ou caracterizações de cunho biológico, bem como de classes sociais.

É nessa perspectiva, portanto, que consideraremos a contribuição desses autores em nossa pesquisa, uma vez que ela compreende a realidade humana como uma realidade socialmente construída, levando em conta a ideia de que tanto os indivíduos como os grupos constroem e influenciam na sociedade, quanto a sociedade influencia nos grupos e nos indivíduos.

Velho (2013) critica a ideia de desvincular indivíduo e sociedade afirmando que isso aponta para uma visão incompleta da atividade humana. O autor, entretanto, não nega a especificidade de fenômenos psicológicos, biológicos, sociais ou culturais, mas chama atenção para a importância de se destacar o caráter de inter-relacionamento complexo e permanente entre indivíduo e sociedade. Podemos ressaltar, ainda, nesse sentido, a compreensão de Elias (1994: 95) de que “o indivíduo cresce partindo de uma rede de pessoas que existiam antes dele para uma rede que ele ajuda a formar” e ainda que “não é possível tomar indivíduos isolados como ponto de partida para entender a

estrutura de seus relacionamentos mútuos, a estrutura da sociedade” (*ibidem*, p.39).

Dessa forma, pensar o jovem, na sua heterogeneidade, considerando sobretudo o atual contexto brasileiro, é pensar não só os lugares sociais dessa categoria, mas se deter também a um quadro maior no que diz respeito aos processos sociais, interações e negociações da realidade no que tange ao indivíduo em si, como aponta Velho (1990). Pensar as juventudes é também considerar sua localização no tempo e no espaço, e, assim, é que desenvolvemos nosso trabalho, a fim de suscitar uma reflexão a respeito da diversidade vivenciada pelos jovens, ponto que consideramos mais relevante em detrimento à difícil tarefa de caracterizá-los enquanto categoria homogênea. Portanto, a pesquisa desenvolve-se na compreensão das expressões e representações dessas diversidades juvenis em meio às sociabilidades urbanas.

### **3.2 A resenha da paquera**

Era dia de um show na Rua São Vicente e Suzana me mostra um menino de camisa branca que passa na outra calçada

- Tá vendo aquele menino ali de blusa branca de manga comprida?
- Sim
- Foi lá em casa dia desses pra me conhecer
- E como foi isso?
- Ah, ele chegou lá com um amigo meu e disse que queria me conhecer.
- E vocês conversaram?
- “Nam”, ele é mole demais. Tu vai ver, ele vai passar aqui na frente e vai passar direto. Ô bicho mole, viu.
- Mole por quê? Envergonhado, é?
- É, sem atitude, sei lá...

Suzana depois me explicou melhor essa ocasião em que o menino foi conhecê-la, em sua casa. Disse-me que eles se conheciam de vista, dos



passeios pelas ruas do bairro e que ele às vezes estava com uns amigos seus e ficou interessado por ela, então tentou estabelecer um contato, mas “não deu em nada”. Esse conhecer, explicou-me, é uma espécie de rápida conversa, onde se houver uma simpatia, uma afinidade, abre a possibilidade de ter um relacionamento físico e afetivo. Em meio a esses esclarecimentos, ela recordou uma situação que caminhávamos no Pedregal e perguntou se eu lembrava de um grupo de meninos em uma determinada rua, onde ela e Ana pararam para falar com um menino. Quando afirmei, ela disse que esse menino que foi conhecê-la estava nesse grupo, naquele dia.



**Foto 36** – Show de Rap e Funk na Rua São Vicente. Foto: Mariana Cavalcanti, 2016.

Em outra incursão, Ingrid vê um menino e disfarça, baixando a cabeça. Depois me pergunta se eu o vi passando, o que respondo afirmativo. Ela me diz que ele sempre a vê em determinada rua, fica olhando e sorrindo para ela, o que desperta seu embaraço. Esse menino, depois de alguns flertes, adiciona-a no *Facebook* e manda um recado no bate-papo dizendo que ele é o menino que sempre olha para ela naquela determinada rua. Ingrid me disse que não respondeu e não aceitou a solicitação de amizade do menino. Perguntei por quê e ela falou que não estava interessada e que já estava paquerando outro menino que conheceu na escola.

Essa prática de caminhar pelo bairro é muito comum entre os jovens que pesquisei, sobretudo entre as meninas. Os meninos também passeiam pelas ruas, entretanto, é mais frequente que eles estejam em motocicletas, parando para conversar com os amigos em determinados pontos como bares, lanchonetes mas principalmente nas calçadas das casas de algumas das pessoas dos grupos que se reúnem. Os encontros fortuitos ou mesmo os premeditados são cheios de galanteios, piadinhas, sorrisos, olhares e comentários ao pé do ouvido entre os amigos. As meninas andam de braços dados e saem em tom exploratório pelo bairro, cientes de códigos que são desdobrados na lógica do flerte – um jogo de sedução, sobretudo, de diversão.

Azevedo (1978) ao fazer um estudo sobre o noivado e casamento no Brasil, mostra práticas corriqueiras que aconteciam nos encontros entre jovens na primeira metade do século XX. Essas práticas promoviam os flertes (aportuguesamento da palavra francesa *flirt*) e conseqüentemente possibilitavam escolhas de namoro e casamento. Um fenômeno que o autor observa é o *footing*, como esclarece:

(...) O *footing*, que é o passeio, a caminhada a pé sem destino, o vai-e-vem pelas novas avenidas, pelas ruas do comércio *chic*, pelas praças das cidades que se modernizam e imitam as metrópoles europeias (...) Fazendo o *footing*, as moças se ofereciam ao *flirt* e podiam de algum modo, também elas, escolher seus pares ou, ao menos, selecioná-los entre os que procuravam atraí-las. Esse costume está na raiz do sistema de circular em torno das praças ou de passear pelas ruas centrais das pequenas cidades, - os rapazes numa direção, as moças na direção oposta, num arranjo que permitia o renovado encontro dos olhares a cada volta, sem a necessidade de confrontação direta e persistente que seria embaraçosa para o pudor feminino e para a timidez dos jovens imaturos ou que queriam apenas divertir-se. Flertava-se também com os moços que desfilavam em seus automóveis, símbolos de riqueza e de alto status social (AZEVEDO, 1978. p. 120-121)

Em seu estudo, interpelando as crônicas de João do Rio, que mostravam bem essa dinâmica do *flirt* e do *footing* no fim do século XIX e começo do século XX no Brasil, Azevedo sugere que essas práticas foram se perdendo em virtude das transformações sócio-econômicas, políticas e morais dos grandes centros urbanos. Chegando a afirmar que

(...) Forma-se um novo padrão, a paquera, que é um relacionamento mais agressivo, mais impaciente, menos estruturado. Enquanto o namoro é formal ritualizado e hierárquico, uma rotina ritualizada, a paquera é informal, individualista e não mais familista nem de classe: é um comportamento característico dos novos conceitos de liberdade feminina e de rutura dos símbolos de controle de classe. Também não visa a comprometimentos definitivos e perseverantes como no namoro, nem se prende obrigatoriamente aos preceitos éticos tradicionais de virginidade e castidade, de matrimônio formal e indissolúvel. A pílula e a chamada “educação sexual” têm muito a ver com essas mudanças. Não se limita também por idades, ocorrendo entre adultos e jovens. Dispensa, portanto, aquelas técnicas de aproximação, de comunicação, de contatos, indo, num eufemismo expressivo, “direto ao caixa” como dizem alguns, sem intermediários, sem grandes cerimônias, sem os mesmos escrúpulos (*ibidem*, p. 124-125)

Azevedo tece essas considerações levando em conta uma classe mais favorecida e cingida por tradições europeias e, num tom quase moralista, declara a morte dos rituais de paquera e namoro. De fato, há de se considerar o contexto histórico que o autor vivia, o qual percebia fortemente a transição das práticas e comportamentos sociais da época. No entanto, a dinâmica da paquera, do flerte, do jogo de sedução, visualizada no Pedregal aponta para algumas objeções ao levantado por Azevedo.

Primeiro, o *flirt* e o *footing* não são – nem eram – práticas exclusivas de classes sociais mais abastadas. Certamente os rituais que envolvem a paquera e o namoro encontram-se presentes no contexto do século XXI, a despeito de uma crítica mais conservadora que defende a ideia de que os aparatos tecnológicos afastaram definitivamente o contato físico. Azevedo acerta em observar que as mudanças sociais possibilitaram relações que não visam necessariamente um comprometimento duradouro, posto que se encontra mais liberto de uma moral familista patriarcal.

As técnicas de aproximação e comunicação, como os passeios, os olhares, os recados, entre outros, são ressignificados em alguns aspectos, mas em outros, permanecem em sua forma de ser. Como procuro demonstrar aqui, os jovens possuem essa dinâmica de caminhar, olhar o movimento da rua, explorar as pessoas que passam e seus possíveis pretendentes. A paquera é, na maioria das vezes, estabelecida nesses encontros nas ruas, através de

reuniões com amigos, amigos de amigos, amigos da família e, muitas vezes, com rostos que vão tornando-se conhecidos pelo vai-e-vem do dia-a-dia. O cortejo está presente nos aparatos tecnológicos, redes sociais como *Facebook* e aplicativos como *WhatsApp*.

Existe todo um código e um jogo de paquera que atravessa ruas e vielas. As meninas sabem as ruas que os meninos mais costumam ficar reunidos. Os meninos escolhem os locais de reunião elegendo as ruas com mais movimento de pessoas; eles também passeiam de moto a fim de explorar o bairro e procurar onde está “bombando” mais e também como maneira de afirmação de poder e de chamar atenção das meninas e dos meninos. Eles estabelecem contatos diretos e também intermediam as paqueras para os amigos e amigas. Daí surgem namoros e até casamentos. Mas o que essa dinâmica promove com bastante veemência é a diversão e a sociabilidade entre os jovens.

Outro estudo onde podemos vislumbrar essas ocasiões de paquera está no trabalho de Pereira (2014) ao tratar dos rolezinhos nos shoppings de São Paulo. Em sua pesquisa, o autor constatou que dezenas, centenas e às vezes milhares de jovens da periferia combinavam, através das redes sociais, encontros nos shopping centers da cidade, para poder se “divertir, paquerar, dar uns beijos, consumir e zoar”. Essa abordagem nos mostra que os rituais de *footing* e *flirt* permanecem enquanto práticas sociais, evidentemente combinadas com situações que se encontram inseridos também recursos tecnológicos que mais que afastar, nesse caso, aproximam as pessoas.

O flerte, a paquera, portanto, talvez não sejam mais, necessariamente, meios de promover compromissos afetivos e enlaces matrimoniais como demonstrou Azevedo (1978), mas continuam presentes, inclusive, nas ruas, caminhadas a pé, olhares e jogos de sedução entre os jovens. É um momento crucial, senão, o mais instigante da “zoação” - para usar o termo destacado por Pereira (2014) -, ou da “arriação”, o termo mais ou menos análogo que encontro na minha pesquisa.

### **3.3 Pesquisadora também cai na arriação**

Destaquei no tópico anterior a forte dinâmica de paquera existente nas sociabilidades dos jovens que pesquisei no Pedregal. Como por diversas vezes estive inserida nesses encontros, e ainda que os meus interlocutores ou pessoas com as quais tive um rápido contato soubessem do meu papel de pesquisadora da UFCG ali, eu não escapei da lógica operada nos espaços que frequentei.

Nas primeiras vezes que caminhei com algumas meninas pelo bairro, escutei frases e palavras de paquera direcionadas a elas e também a mim. Às vezes, quando eram enunciadas por conhecidos, as meninas retrucavam e diziam “Fica na tua, menino! Tu é um pirralho pra ela!”, outras vezes, só escutávamos e continuávamos andando. Em uma situação, um dos meninos do grupo que eu estava pesquisando, chegou de moto com outro amigo na garupa e perguntou para as meninas quem eu era:

Bernardo: Vocês estão fazendo o que aqui?

Suzana: Esperando o ônibus para ela (apontando para mim) ir embora

Bernardo: Essa menina é bonita, viu. Se quiser, eu deixo ela até em casa.

Suzana: Oxi, fica na tua... (risos). Tu vai querer ir, Mariana?

Achei engraçada a situação, agradei e disse que não precisava. Bernardo ficou rindo e olhando para mim. Depois de uns minutos foi embora com o amigo que estava na garupa. As meninas ficaram comentando entusiasmadas que ele tinha ficado “super a fim” de mim. Esse mesmo menino, em um show que fui posteriormente no Pedregal, ficou olhando e sorrindo de longe em minha direção e as meninas não paravam de chamar minha atenção para esse fato. Achava engraçado e ficava constrangida também.

Souza (2014), em uma pesquisa realizada no CEA com adolescentes do sexo masculino, relata sua experiência enquanto mulher e jovem em uma instituição, observando ocasiões em que seus interlocutores abordaram-na dizendo que estavam apaixonados. Já Meinerz (2007), ao desenvolver uma pesquisa sobre parceria homoeróticas femininas traz reflexões sobre o seu papel em campo, mostrando-nos várias passagens sobre o olhar sexual da investigação etnográfica:

No que tange à relação com o grupo pesquisado, o caráter de suspeita se coloca de uma forma mais próxima, à medida que a descoberta de uma verdade acerca da sexualidade da pesquisadora orienta as relações estabelecidas em campo. Em relação a isso, lembro que durante o trabalho de campo, a despeito de ter explicado às participantes da pesquisa que se trata de um trabalho científico e de as mulheres se mostrarem dispostas a participar, elas julgavam que minha real intenção ao frequentar os bares e entrevistar as mulheres era me descobrir no meio homossexual. Assim, a qualidade da interação com o grupo resultou de uma classificação que me definia como enrustida. (*ibidem*, p. 132)

A autora descreve como foi o processo de compreensão de códigos compartilhados pelo grupo e como a mesma foi optando por determinadas posturas a fim de reiterar o seu papel de pesquisadora. Ao fim, ela avalia essas situações não como limitadoras do seu trabalho, mas como instrumentos importantes para a reflexão e leitura crítica dos dados coletados e interpretações realizadas.

Essa dimensão da sexualidade e da sedução, em situações de pesquisa, pode gerar uma discussão interessante a respeito da corporalidade como objeto de investigação e também como metodologia, como atenta Braz ao fazer um etnografia em clubes de sexo masculino (2010):

A despeito de minha própria vontade, eu não era invisível nos clubes e minha inserção esteve permeada pelas expectativas criadas sobre mim quando estive em campo. Sendo esta uma pesquisa que demandou necessariamente a minha exposição em contextos permeados por expectativas que giram em torno do desejo, uma estratégia para tornar essa “saia-justa” metodológica e analiticamente rentável foi tomar a corporalidade tanto como objeto de investigação, quanto em certo sentido como metodologia de pesquisa (*ibidem*, p. 45-46).

Outro caso bem complexo para mim foi o de um interlocutor que veio por meio de uma rede social e me perguntou se eu gostaria de ficar com ele. No exato momento, tive um grande receio de sua reação frente a minha resposta negativa. Pensei que isso poderia despertar um desinteresse por parte dele em continuar me auxiliando, ou até mesmo gerar uma represália a minha pesquisa. Surpreendi-me pelo fato de que em todos os nossos encontros no bairro, eu nunca ter percebido nenhuma investida dele em relação a mim. Muito pelo

contrário. Ele talvez fosse um dos meninos que mais compreendesse o meu papel naqueles espaços. No entanto, compreendi que o meu corpo não era invisível e despertava também expectativas enquanto estive em campo (e fora dele). Esse interlocutor, entretanto, reagiu de maneira tranquila e não apresentou nenhuma atitude de oposição à relação que até então tínhamos construído. Em uma situação posterior em que combinei de encontrar com ele para irmos visitar alguns lugares do bairro, ele me perguntou se depois eu gostaria de tomar uma cerveja com ele. Sabendo que esse encontro eu iria estar a sós com ele, rejeitei e disse que tinha um compromisso após a ida ao bairro. Tomei essa atitude por compreender que caso eu aceitasse o convite, poderia estar abrindo espaço para ser cortejada.



**Foto 37** - Jovens conversando nas calçadas. Fotografia: Mariana Cavalcanti, 2016.



**Foto 19** - Jovens conversando na calçada. Foto: Mariana Cavalcanti, 2016.

Dos flertes que recebi durante a pesquisa, este último foi o único onde a pessoa era maior de idade. As outras situações de paquera envolviam meninos menores de 17 anos. Muitos deles não acreditavam quando eu dizia a minha idade, todos me atribuíam uma aparência de 16, 17 anos. Quando conversavam um pouco comigo é que percebiam a diferença da idade, como disse um dos meninos “Ah...conversando dá pra ver que tu é mais velha, mas a pessoa passar assim, só olhar mesmo pensa que tu tem uns 17 anos...no máximo uns 18. Mas não tem problema não, eu gosto de mulher mais velha também”.

Quando dessas situações, eu tentava de uma maneira espontânea e leve explicar que não seria possível estabelecer uma paquera com eles, de modo que todos me respeitaram e agiram com naturalidade. Vale ressaltar, mais uma vez, que o grupo que mais me aproximei e desenvolvi uma relação maior era composto por jovens entre 13 e 17 anos. Com o tempo fui me habituando com esses momentos e compreendo os códigos de paquera. Participava das reuniões com os jovens, conversava, me divertia e eles também, depois de um certo período, foram diminuindo as investidas em virtude de eu me tornar mais conhecida do grupo e eles entenderem que eu estava, de fato, realizando uma pesquisa científica. Certa vez, um dos próprios meninos alertou um outro que não me conhecia que eu não estava “disponível” e estava ali “pesquisando o Pedregal”.

Dessa forma, vale refletir o lugar de ser mulher, jovem e pesquisadora. O nosso corpo, em campo, como já foi dito, não é invisível. Muito pelo contrário, ele não é só visto, percebido, mas também desejado em algumas situações. Esse lugar social pode influenciar em algumas questões na prática etnográfica. Felizmente, na minha experiência particular, não enfrentei condições muito difíceis além do descrito aqui. Compreender as questões que foram suscitadas nesse tópico faz-se crucial no desenrolar da pesquisa, não devendo ser encaradas somente como limitações, posto que servem como instrumentos de reflexão e análise do próprio trabalho e postura enquanto pesquisadora.



## Considerações Finais

Ao final desta pesquisa, podemos traçar alguns pontos que sintetizam as principais reflexões aqui levantadas.

Destaco a pertinência da Etnografia na compreensão do objeto deste estudo, posto que a mesma, para além de um método ou técnica, constitui uma interação entre pesquisador e pesquisado, suscitando, portanto, afetos dos mais diversos tipos que também se apresentam no texto em certa medida, não destituindo-o, entretanto, do seu caráter científico. Aqui, tentei deixar claro a minha posição, minhas percepções e também minhas limitações enquanto pesquisadora em campo.

Além disso, a Etnografia mostrou-se de extrema relevância para o objetivo aqui buscado, isto é: apreender a relação dos jovens entre si e com os espaços urbanos. Acredito que a perspectiva adotada é positiva no sentido de promover um debate mais rico sobre a categoria de juventude, na medida em que busca fugir de uma certa essencialização de uma faixa etária.

Estudar um bairro considerado “favela” ou “periferia” pelas instituições e pela sociedade em geral proporcionou um debate acerca dessa classificação, bem como sobre exclusão social. O termo periferia aponta questões ligadas a um aparato de capitais que vão do econômico ao simbólico e que localizam o bairro em um determinado patamar dentro de uma hierarquia social. Isso não quer dizer, entretanto, que o Pedregal, assim como outras periferias, estejam necessariamente excluídas da sociedade, posto que integram todo um sistema social, fazendo parte de sua dinâmica.

Também foi interessante notar a visão dos moradores acerca do bairro, de modo que os mesmos têm percepção tanto dos pontos positivos como sensação de comunidade e pertencimento, como também dos negativos como precariedade na infra-estrutura, descaso governamental, situações de violência e preconceito ligados ao fato de residir no Pedregal.

A categoria de circuito foi importante para compreender, sob uma perspectiva etnográfica, o modo como os jovens constroem parte do seu cotidiano através das relações entre si e da ocupação e significação dos espaços que frequentam. Essa categoria, bem como a de pedaço, mancha, trajeto e pórtico possibilitaram reconhecer diferentes grupos presentes no Pedregal, observando a dinâmica e a diversidade de práticas e maneiras de vivenciar o bairro e a cidade. Essa perspectiva agrega uma compreensão profícua ao estudo das juventudes, de modo que proporciona um contato direto com os interlocutores, gerando uma reflexão acerca das diferenças e semelhanças que aproximam e distanciam os sujeitos, constituindo, ao fim, a tessitura do cotidiano desses indivíduos chamados “jovens”.

O contato e convívio com esses jovens também me proporcionou, enquanto pesquisadora, vivenciar experiências enriquecedoras para a “bagagem” da pesquisa de campo: situações divertidas e outras constrangedoras que pedem, muitas vezes, um grande jogo de cintura no delicado trabalho que é etnografar.

Ademais, pude compreender uma categoria nativa denominada pelos interlocutores de “arriação”: uma prática que congrega ações de paquera, de piada, brincadeira e passeios, proporcionando situações de aproximação mas também de distanciamento. Fui inserida, em certa medida, também na “onda” da arriação: fui paquerada, emiti e recebi piadas e brincadeiras. Essas ocasiões foram de extrema importância para a consecução da minha pesquisa, pois serviram de análise não só sobre o objeto de estudo, mas também sobre minha própria posição e percepção enquanto pesquisadora.

A escolha em estudar os jovens, apesar de me instigar fortemente, despertou um grande receio inicial, pois me senti intimidada justamente pela arriação: pelas piadas, paqueras e brincadeiras quase sempre imprevisíveis, em que meus interlocutores possuíam respostas na “ponta da língua”, manejo e desenvoltura para lidar com a situação. Eu não possuía. Não sei se posso dizer que possuo de fato, hoje. Aprender a participar desses momentos não implica um processo de sistematização formal – pelo contrário, foi somente através da experiência etnográfica destacada por Magnani (2009) que pude, aos poucos, ser inserida e aceita na dinâmica vivenciada pelos interlocutores. Isso se deu de

uma forma fluída, quando percebi, estava sendo chamada para “fechar a rua”, prática recorrente entre as meninas e que está incluída na “gramática” da arriação.

Acompanhar os jovens em diferentes momentos do dia também me auxiliou na compreensão dos diversos usos que são atribuídos a vários espaços. Entender que a partir da lógica não só espacial, mas também temporal, os lugares possuem significações e usos diversos por diferentes atores sociais, foi de grande relevância nos recortes e análises da pesquisa.

Por fim, destaco que o Pedregal é um grande espaço com inúmeras possibilidades de pesquisa e abordagens, possuindo uma riquíssima variedade de atores sociais que vivenciam o bairro e a cidade sob muitos aspectos. Realizar essa pesquisa também foi muito importante no sentido de descortinar alguns discursos emitidos pelo senso comum e pela mídia sensacionalista. Esse trabalho, entretanto, revela somente parte de todo esse fértil campo que é o estudo das sociabilidades urbanas, suscitando muito mais reflexões que fazendo afirmações categóricas e exauridas acerca desse objeto.

## Referências

- ABRAMO, H. W. **Considerações sobre a Tematização Social da Juventude no Brasil** in *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: Edições MEC/UNESCO, 2007.
- AGIER, M. **Encontros etnográficos** – interação, contexto, comparação. São Paulo: Unesp; Alagoas: Edufal, 2015.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Guanabara, 1978.
- AZEVEDO, T. **Fazer a corte, no Brasil: o namoro e a paquera**. In: *Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien*, n. 30, 1978. Numéro au consacré au Brésil. Pp. 117-126. Disponível em [www.persee.fr/doc/carav\\_0008-0152\\_1978\\_num\\_30\\_1\\_2137](http://www.persee.fr/doc/carav_0008-0152_1978_num_30_1_2137) Acesso em 20/12/2015.
- BERGER, P. LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade** – Tratado de Sociologia do Conhecimento. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. **À meia-luz... Uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos**. Tese de Doutorado: Universidade Estadual de Campinas, 2010
- CALDEIRA, T. **A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia**, in *Novos Estudos Cebrap* 21. São Paulo, Cebrap, 1988.
- CARRANO, P. FÁVERO, O (Org.) **Narrativas Juvenis e Espaços Públicos** – olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- Censo demográfico** – Aglomerados subnormais., Rio de Janeiro, p.1-259, 2010
- DAVIS, M. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- DAMATTA, R. **O Ofício do Etnólogo ou como ter “Anthropological Blues”**. In: NUNES, E. O (Org.), *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. pp. 23-35.
- ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- FRAGA, P. C. P. IULIANELLI, J. A. S (Org.) **Jovens em Tempo Real**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

- FELTRAN, G. S. **Periferias, direito e diferença**: notas de uma etnografia urbana in Revista de Antropologia. Vol. 53 n.2. São Paulo, jul-dez, 2010.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 25 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.
- FRUGOLI JR, H. **O urbano em questão na antropologia**: interfaces com a sociologia in Revista Antropologia. Vol. 48. No 1. São Paulo Jan/Junho, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Obras e vidas. O antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002. P. 11-40; pp. 169-194.
- GROPPO, L. A. Juventude – **Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- GEERTZ, C. **O antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- KOWARICK, L. **Viver em risco** – sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano in Novos Estudos. Nº 63: 2002.
- LEMOS, EMBC., DANTAS, ER., and CHAO, CHN., orgs. **De portas abertas para o lazer: a cultura lúdica nas comunidades de Bairro** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2009. 184 p. ISBN 978-85-7879-026-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- MAGNANI, J. G. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana** in Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol 17. No 49 São Paulo: 2002. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200002&script=sci_arttext)
- \_\_\_\_\_. **Etnografia como prática e experiência** in Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009
- \_\_\_\_\_. **Quando o campo é a cidade: Fazendo antropologia na Métropole** in Na metrópole: textos de antropologia urbana, 3. ed. São Paulo: Edusp/FAPESP, 2008. pp. 12-53.
- MAGNANI, J. G. C. SOUZA, B. M (Org). **Jovens na MetrÓpole** – Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. 1. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- MALINOWSKI, B. **Objeto, método e alcance desta pesquisa** in: Os Argonautas do Pacífico Ocidental”. São Paulo: Abril, 1978. Pp. 16-34.
- MARICATO, E. **MetrÓpole, legislação e desigualdade** in Estudos Avançados 17 (48), 2003.

MEINERZ, N. E. **Um olhar sexual na investigação etnográfica** in BONETTI, A. FLEISCHER, S. (ORG) *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: editoria mulheres, 2007.

PAIS, J. M. **A Construção Sociológica da Juventude** – alguns contributos in *Revista Análise Social*, vol. XXV, 1990 (139-165). Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>

PEREIRA, A. B. **Rolezinho no shopping**: aproximação etnográfica e política In: *Revista Pensata*. V. 3. N. 2. Maio, 2014.

REGUILLO, R. **Emergencia de culturas juveniles**: estrategias del desencanto. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2000.

ROCHA, A. L. C. ECKERT, C. **A interioridade da experiência temporal do antropólogo**

**como condição da produção etnográfica** in *Revista de Antropologia*. vol.41, n.2. São Paulo,1998

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**.6. ed. São Paulo: Editora da USP, 2014.

SANTOS, S. I. L. ; [SOUZA JUNIOR, X. S. S.](#) . **Mapeamento da Violência Urbana em Campina Grande**: Tendências e Desafios em Busca da Cidade Sustentável. *Mapeamento da Violência Urbana em Campina Grande: Tendências e Desafios em Busca da Cidade Sustentável*. 1ed.Rio de Janeiro: , 2012, v. , p. 167-186.

SOUZA, S. V de. **Problemática habitacional: Uma análise do processo de periferização da cidade de Campina Grande** – PB ANAIS XVI ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFOS. Realizado de 25 a 31 de julho de 2010. Porto Alegre - RS, 2010. ISBN 978-85-99907-02-3

\_\_\_\_\_. **Relação cidade-campo**: permanência e recriação dos subespaços rurais na cidade de Campina Grande. Universidade Federal da Paraíba. Dissertação de Mestrado em Geografia, 2013.

SIMMEL, G. **A metrópole e a vida mental** in VELHO, O. G. (org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

\_\_\_\_\_. **Questões fundamentais de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

VELHO, G. C. **Observando o familiar** in: NUNES, E. O. (org.), *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. pp. 36-46.

\_\_\_\_\_. **Um Antropólogo na Cidade** – Ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **Individualismo e Juventude**. Museu Nacional – UFRJ: Rio de Janeiro, 1990.

WEBER, M. **A Ciência como Vocação**. São Paulo: Cultrix, 2008.